



32101 067180552

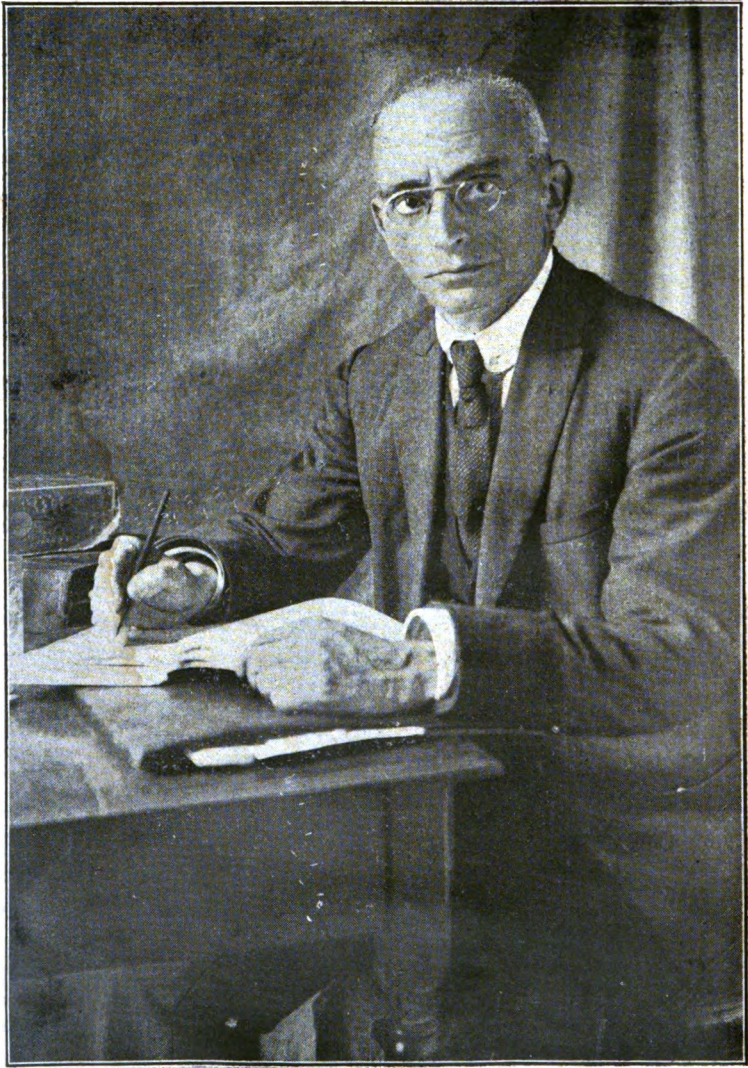
LIBRARY
OF
PRINCETON UNIVERSITY

Minha filha.

Quando manuseares este livro
lembra-te que a alma do seu
autor é a alma rude e boa
da raça do meu pai. O
sentir do jeica meu irmão e
bem igual ao do provincial:
seu peccado. - Rio - Novembro 1902

Filinho

SERTÃO EM FLOR



CATULLO DA PAIXÃO CEARENSE

CATULLO DA PAIXÃO CEARENSE

Sertão em Flor

Prefacio do DR. MÁRIO DE ALENCAR
(Da Academia de Letras)



RIO DE JANEIRO
LIVRARIA CASTILHO
A. J. de Castilho -- EDITOR
RUA S. José, 114
1919

(RECAP)

3158

.13

.385

.1919

A poesia de Catullo

Se fosse possível definir o indefinível, diria eu que a poesia é a expressão commovida e harmoniosa do mundo tal como é revelado pelo sentimento. Tel-a-ia definido approximadamente ao menos?

Contenta-me que nessa formula estejam os elementos essenciaes: — de um lado, o mundo, ou antes a representação do mundo ante o homem, na sua realidade presente, na sua origem, na sua possibilidade, no seu destino, e o mesmo homem, centro d'elle; mas com a condição de serem mais sentidos que entendidos, pois que a intelligencia racionante analysa, decompõe e abstrahе, ao passo que o sentimento percebe concretamente por imagens; — do outro lado, a emoção que essas imagens excitam no espirito, não confusa, mas em linhas harmoniosas e concertada em rhythmo, que é o proprio modelo da emoção verdadeira.

Tal é a occasião da poesia, e tudo pode sel-o, comtanto que se relacione com o sentimento humano.

De dois homens, ambos poetas, é possível que o mesmo phenomeno, acto ou cousa, tenha para um a força inspiradora, e ao outro pareça insignificante e trivial. A differença procederá menos da capacidade da pessoa, da sua intelligencia: que do estado do seu sentimento, o qual é constituido pelos antecedentes e circumstancias aleatorias. A um homem da cidade, contente da cidade, não offerece o campo com o seu scenario e os seus costumes, um thema de poesia; a um homem campestre a cidade, ou impres-

VI

siona pelo tumulto inadequado a inspiral-o, ou desperta, pelo contraste, a imagem do campo, que elle sente e pelo qual se commove.

Despertado, entretanto, o sentimento de um ou do outro, este pelo campo, aquelle pela cidade, para um e outro reciprocamente o campo e a cidade assumirão a força poetica, se a expressão que os communicar, fôr sinceramente commovida.

Não basta pois em si o objecto inspirador ; é mister que o intérprete um sentimento ; e não basta ainda ter sido sentido, é preciso compor-se em commoção, que induza em outrem sentimento equivalente.

E' difficil dizer o que é que mais releva, se o sentimento inicial, se a emoção ulterior que lhe dá corpo. Na verdade existe uma relação, como de causa e effeito, e entre causa e effeito não ha separar dependencia ; e n'esta especie, causa e effeito invertem-se e influem-se mutuamente, durante a gestação recondita da obra poetica.

Feita esta consideração, cuja analyse interessa mais á psychologia que á esthetica, pode-se affirmar que na poesia o principal é a expressão, porque é o que a torna sensivel, é o que a faz existir para os outros, é como no homem physico, o semblante, que o manifesta e o distingue. E' pois individual como a physionomia, ainda que, como a physionomia, tem os traços communs da especie, da raça e da familia.

Aos traços communs da especie, da raça e da familia, corresponderiam na expressão poetica os dos generos epico, lyrico e dramatico. A's feições individuaes responderiam as qualidades do estylo. Do mesmo modo que no semblante humano as feições são differentes, embora sejam communs os traços de familia e de raça, dos quaes ellas se formam ; assim a expressão de cada poeta, formada na identidade da lingua e dos costumes, do meio e do pensamento, distingue-se pela característica pessoal, de indole, de emoção, de impressões successivas, da

influencia obscura das circumstancias; e isso lhe constitue o estylo. A expressão que resulta do sentimento experimentado e da pessoalidade do estylo, individualiza o que em natureza existe aparentemente confuso; e ao mesmo tempo, pelo só effeito da individualização, predomina sobre todas as manifestações communs daquelle sentimento. Exemplificando: o amor é um sentimento commum a todos os homens; todos o exprimem necessariamente, mas a expressão poetica do amor, como a dá o poeta sincero ao seu amor individual, parece a todos os homens a unica expressão verdadeira do que elles sentem, a unica, embora essa unicidade seja successivamente attribuida a cada nova expressão sinceramente poetica do amor. Cada expressão individualiza um estado, um momento de amor, mas pela sua mesma força de commoção vivida, torna-se um typo universal.

A poesia coexiste com o mundo e o homem; a expressão da poesia, porém, humana e pessoal, varia com a mutação das edades e dos meios; e cada idade e cada meio possuiria modos de expressão nitidamente diversos dos anteriores e extranhos, se não fosse o prestigio conservador, e por sua vez inspirador, das expressões que no passado attingiram a graça da perfeição e da perpetuidade.

O effeito, p. e., do progresso material e scientifico, que determinou a explicação maxima attingivel das cousas do mundo e o conhecimento total da terra e dos seus habitantes, foi a extincção dos mythos, e o predominio da razão. A poesia do homem moderno, em condição progressiva, devêra exprimir-se na linguagem da prosa que é a forma propria da analyse. Perduraria a expressão symmetrica somente em raros poetas, que pudessem ficar alheios á marcha analytica e prosaica do espirito humano, preservando a alma elementar que foi a da infancia do mundo, ignorante na illusão e no sonho do mysterio. A sobrevivencia da poesia em verso, na maior parte dos

VIII

que versem, procede da imitação deleituosa, e em si mesma artistica, das formas consagradas da belleza. Por isso subsistem ainda os generos, conservados pelo talento a serviço da vontade, por arte alliada á eloquencia, por economia do esforço e pelo reflexo inspirador das glorias antigas.

Mas ainda algumas almas elementares sobrenadam ao nivelamento; e para estas, cada vez mais raras creaturas, o verso é bem a legitima e ingenua forma de expressão poetica. A uns uma feliz contingencia os fez apontar, em plena civilização de desencanto, encantados, quasi selvagens, extremes de sciencia, com os sentidos virginalmente cheios da sensação directa e simples da vida. A outros, uma mysteriosa força preserva intactas, sob as acquisições da sciencia e as impressões dos tempos, como sob uma mascara, a ingenuidade e a pureza da infancia da alma: ha no espirito delles compartimentos impermeaveis entre si, em que o espirito vive, casado á razão, casado ao sentimento; culto ou inculto, logico ou mystico; e pode ser assim ora a alma elementar da poesia, ora a razão poderosa e subtil da philosophia e da critica.

Está, entre aquelles primeiros, Catullo Cearense. Nascido no interior brasileiro, em terras que reproduzem a phase da infancia da terra, alli viveu toda a idade plastica do espirito, vendo, ouvindo, cheirando, gostando, palpando, até a saturação dos sentidos, a natureza agreste brasileira. Não ficava logar para a penetração de outras imagens extranhas; e as que recebesse depois seriam superposições fluctuantes, indecisas, ephémeras, incapazes de apagar as primitivas, que já lhe formavam a consciencia esthetica.

Permanecesse Catullo no sertão, teria sido naturalmente poeta, como são poetas as creaturas simples, na sua falla ingenua, de tom concreto, inspiradas da natureza vizinha e familiar; e o teria sido ainda pelo dom pessoal do sentimento e da imaginação vivaz. A sua concepção

poetica, porém, ficaria restricta em virtude da sua mesma familiaridade dos costumes e pela habituação do scenario ; não iria talvez alem das impressões, incisivas embora, mas curtas, que dão a materia dos versos populares, raro excedentes de uma quadra, jamais dilatados á proporção de um canto. Nem o auditorio que estimula o cantor, tem alli capacidade de attenção para o desenvolvimento dos themas, nem o mesmo cantor possui as condições de coordenação e elaboração de demorados assumptos de poesia. A occasião de compol-a offerecem-na os desafios á viola, de compasso breve ; e o improviso significa a instantaneidade do sentimento provocado ao pé de uma fogueira festiva, ou a par de um baião, antes como accessorio ou pretexto, do que como causa. Amortecida a dança, calado o instrumento, toda a inspiração se corporificou em cantigas dialogadas, ou desconnexas. O sentimento, quando real e aggreddido, expandiu-se no desforço physico ; e tudo entra na necessidade do meio rudimentar da natureza, trivial ou só por momentos tragico. Algum sentimento mais profundo que surja, traduz-se na toada vaga e inarticulada da musica solitaria, porque para a palavra não acha a sympathia continuada de alheio ouvido.

O bem ou mal do Çatullo foi o seu afastamento do sertão natal. Distante, sob a experiencia de outros costumes, deixou de ser actor no scenario nativo, para ser o espectador alongado e mais sensível delle. A humanidade embryonaria do sertão cresceu aos seus olhos em figuras acabadas ; os sentimentos, limitados aos desafios, tomaram a intensidade de estados de alma, estuosos e ardentes ; os usos quotidianos tocaram-se do prestigio para a revelação a extranhos : surgiu o scenario em relevo, nas suas partes mais indifferentes aos seus olhos de outrora ; tornou-se possível a perspectiva ; cresceu a saudade ; deu-se o choque vibratorio de todas as sensações adorme-

cidas ; e da saturação dos sentidos virgens resultou a força imaginativa do poeta sertanejo em plena cidade.

A mesma relação necessária entre o objecto inspirador e a emoção expressiva, ha entre o poeta e o auditorio. O isolamento — e estar no campo é como estar isolado — é negativo para a criação. O trabalho espiritual procede com o condição da dualidade da luz e do som, que não existem sem o meio transmissor : não ha luz no vacuo, não ha som sem a ondulação do ar ou a vibração de um corpo. A voz do passado só resoa para o ouvido alheio, proximo ou distante, mas possivel, que a esperança realiza.

Agora na cidade havia auditorio para escutar o poeta sertanejo ; e curiosidade para estimulal-o. O thema, encurtado em cantigas, dilatou-se em poemas.

Não tinha Catullo precisão de modelo. Bastava-lhe contar o que vira, ouvira, cheirara, palpara e gostara no seu sertão distante. A condição do exito era a espontaneidade e a harmonia da expressão e do thema : em summa que elle fosse em tudo sertanejo sincero. Convinha que elle esquecesse o que lhe tinha dado a civilização da cidade, e a cultura literaria, com os seus beneficios e sobretudo com os seus perigos de imitação e artificialismo.

Não conheço senão poucos versos dos que elle escreveu antes de *Meu sertão*. Não eram os versos da sua poesia. Esta revelou-se em toda a sua força e originalidade nos poemas *Quinca Micuá*, *O marroeiro*, *A promessa*, *A vaquejada*, *O cangaceiro*, *Terra cobida*, daquelle volume, e *A resposta de Geca-Tatú*, e *Braz Macacão*, deste novo livro.

A poesia de Catullo, produzida na plena conformidade do seu talento, é a narrativa dramatica, e caracteriza-se pela perfeita objectivação. A pessoa do poeta se desvanece, e exemplifica bem o estado da inspiração poetica, segundo a concebiam os gregos, o entusiasmo divino : o poeta age inconsciente sob o dominio da emoção. E' um puro instrumento vibratorio, em que o som se

forma por impulso exterior, adquire tonalidades que elle pela sua contextura lhe communica, mas não annuncia na sua composição a qualidade material do mesmo instrumento.

Na voz do Catullo canta não a pessoa d'elle, mas o sertão e o sertanejo. A metrica do verso é, nem devia ser outra, a mesma redondilha que é o vagido poetico do povo; a prosodia é tambem a do povo matuto, abreviada, abrandada e simplificada, quasi dialectal. Podia, dentro do mesmo numero de syllabas, ser graphada como a linguagem commum; mas seria uma alteração da voz, do que Catullo foi um echo e um transmissor organico; seria como exigir-se-lhe uma consciencia de homem de cidade naquelle estado de inconsciencia inspirada.

Não lhe peçam ao poeta outra lingua, nem explicação da sua poesia, nem lhe suggiram ou solicitem outros assumptos que não os da natureza e humanidade agreste do Brasil, nem noutra forma que a da narração objectiva. Arriscar-se-iam a vel-o differente e menor, sem a originalidade espontanea, ao contrario contrafeito, canhestro ou artificioso. Cada poeta tem o seu talento peculiar e o seu genero de criação; e ainda nesse genero e com esse talento não existe continuidade de poesia, senão momentos de poesia, que não hão de ser buscados.

Contentemo-nos com a poesia de Catullo naquellas composições citadas; essa é a sua poesia, e é a grande poesia. Os themas que a originam são, como na grande poesia, as paixões humanas, o amor á mulher, raro contente, quasi sempre desilludido, o sentimento religioso e o da honra, o cavalheirismo, a bravura, a tenacidade, o orgulho, a tristeza e a saudade. E' em summa a alma humana tão vivamente dramatizada, que em cada situação, não importa o meio agreste em que elle se agita, parece caracterizar o homem na sua universalidade. A natureza não figura em primeiro plano, como elemento descriptivo principal; mas não se pode dizer que seja secundario,

porque está essencialmente conjugada ao homem ; é como a propria tinta que o contorna e lhe define os traços, a cor e os movimentos. Tem-se a impressão de que o poeta não descreve por palavras, senão que as proprias cousas e pessoas surgem vivas em imagens da natureza.

Num dos poemas deste livro, diz um violeiro da casa da mulher amada :

A casa onde ella morava
dava á gente uma alembança
d'um brinquedo de criança.
N'uma biboca da serra,
bejada pulo um regato,
*parecia aquella casa
uma frô feita de terra
sonhando dento dos mato.*

O simile define a imaginação de Catullo. As suas imagens, nos seus grandes poemas, são assim : não deixam perceber nem lembrar o trabalho que as fez, nem as partes de que se compõem ; parecem flores nativas da terra, desabrochando em todos os seus matizes e formas.

Essa é a imaginação genial de poeta ; e dos poemas de Catullo se colheriam innumerous exemplos da definição de Wordsworth :

«A funcção peculiar da poesia, o seu emprego peculiar, o seu privilegio e o seu dever, é tratar das cousas não como ellas são, mas como ellas *apparecem* ; não como ellas em si mesmas existem, mas como *parece* existirem aos *sêntidos* e ás *pairões*.»

*debaxo das aza verde
de uma jaboticabera
disfoiei toda a minha'arma
neste acalanto maguado.*

Em um poema de humor diferente, quasi satyrico, o *Geca-Tatu*, diz a um politico :

*Vassuncé só abre o bico
prá cantá cumo um canção,
quando quê fazé seu ninho
nos gaio de uma inleição.*

Imagens dessas não se premeditam, não se rebuscam, não se inventam em toda uma vida de espirito ; porque nascem por si, sem esforço, são a propria linguagem de quem só percebe por imagem. Ahi não ha elaboração de raciocinio, nem analyse ; ha transbordamento de sensações de sentidos que viveram concretamente a vida da natureza ; ha relampagos de genio, que abrangem e aclaram, associando-as n'um feixe de luz, distancias instranponiveis ao olhar mais agudo e ao espirito mais célere.

Dahi as syntheses que ha em cada imagem : as transposições das propriedades das cousas que lhes dão mais realidade que na realidade : são golpes de luz que da confusão fazem irromper o typo de belleza da verdade vivaz e unico.

Não sei se um poeta genial, agreste como o sertão que o formou, precisa ser julgado sob o criterio da arte. Ha duas especie de arte. Uma que se revela, cuidada, pontilhosa, trabalhosa, porfiada em apparecer elegante, sem jaça, sem defeito, medida ; brilha, encanta, seduz ; mas acaba insinuando o cansaço do esforço em que se gerou ; e transparece então o artificio que lhe fez o arcabouço e o semblante. Essa arte não a tem Catullo. A outra, irregular na apparencia, desordenada, precipitada, descurada de pormenores, como é a arte da natureza, que não se detem na symmetria das partes mínimas, nem aliza as superficies, mas se funda na harmonia essencial ; essa é a arte ingenita, a grande arte ; e essa a possui Catullo. Revela-se na dramatização dos seus poemas, na narrativa di-

XIV

reita e rapida, no movimento dos quadros, no talento da pintura e quasi digo da escultura animada das pessoas e das cousas. Completo, perfeito em todas as partes de cada poema? Não, antes incompleto, imperfeito em muitas partes dos seus poemas. Mas no fim de cada poema e ainda nas suas poesias menores, a impressão definitiva que elle nos deixa é a de um grande poeta e grande artista, como a natureza.

29 de Novembro de 1919.

MARIO DE ALENCAR.

(Da Academia de Letras).

A CATULLO CEARENSE

*Houve um poeta uma vez, entre os que lem'ra a historia
Da Provença de antiga e immorredoura gloria,
Não menor que Bertrand, não menor que Berul.
A sciencia do cantar, amada ao Norte e ao Sul,
A gaya-sciencia amiga, amiga o festejara
Desde o berço, a infundir-lhe o jôrro de luz clara
Que é alma da poesia—espirito subtil—
Da doce lingua d'oc e da aspera de oïl.*

*Ninguém tangeu como elle o magico instrumento
E o fez melhor ouvir variado, ou no lamento
Do descort amoroso e soluçado planh,
Ou no gorgieio da alba—a canção da manhã.
Ninguém á sua dama entreteceu mais bella
A chansó respeitosa, ou, fiel, á pastorela
Trasladou mais sentida a queixa do zagal.*

Era este trovador—Catullo, o provençal.

*Não lhe vaes procurar o nome entre outros nomes ;
 Tempo inutil assim em teu afan consumes.
 Delle esqueceu-se a Historia, ou talvez o esqueceu
 Para, em outra região, sob a luz de outro céu,
 Em outro poeta o lembrar, digno d'aquelles dias.*

*Esse outro poeta és tu, com as tuas harmonias,
 Com o teu estro a vibrar nas violas do sertão,
 Fazendo ao que te escuta ir-se a imaginação,
 Ir-se o espirito além, além . . . por além fóra,
 Ao bom tempo feliz, ao bom tempo de outrora,
 Em que eu sei que cantava esse de nome igual
 E genio igual ao teu—Catullo, o provençal.*

ALBERTO DE OLIVEIRA.

(Da Academia de Letras)

EM LOUVOR DE UM POETA

*Catullo : muita vez penso que teus leitores
Cheiram nossas monções e o olor das nossas flores,
Gosam nossos verões, escutam nossas fontes,
Veem, á luz tropical, nossos céos, nossos montes,
Nossos rios caudaes, maravhosos, bravios,
Penetrando no mar como nos outros rios,
Nossas selvas em flor,—toda a belleza ambiente
Que faz da nossa Terra o Eden do Continente.*

*A fortuna não quiz contigo ser avara :
Teus versos teem calor, tua Musa depara
Sempre novos clarões, miragens resplandentes,
Outras formas verbaes para tudo que sentes,
Expressões de impressões, em cujos lances passa,
Lyrica e virginal, a alma da nossa Raça...*

*Se reflectes assim, Catullo, a Natureza
Em seus tons, sua luz, sua côr e rudeza
Dos seus aspectos reaes ; se de alma ardente e inquieta*

XVIII

*Dás ás tuas creações teu coração de poeta,
Que podéra eu dizer de teu numen creador?
Que és feliz, tão feliz como o bom semeador.*

*Bem vês nas capitaes, nas villas, nas aldeias
Florir e fructescer tudo quanto sementeas !*

A. J. PEREIRA DA SILVA.

Nota previa

Embora soubesse e pudesse escrever os seus versos em portuguez vulgar, entendeu Catullo Cearense conservar-lhes a ingenuidade nativa nas palavras rudes e simples, imprevistas e encantadoras, como os diriam os sertanejos, que lhe emprestaram o coração e a alma, com que os fez.

Na «bibliographia» da *Revista do Brasil*, p. 638 do vol. IV, de 1918, a questão foi suscitada :

«A publicação das poesias de Catullo Cearense põe de pé uma interessante questão : E' possível aceitar como lingua, na qual se vassem versos, o modo de falar do caboclo ? Cremos que não, porque tal modo de falar não é sequer um dialecto e sim mera corrupção do dialecto brasileiro. A lingua portugueza, transplantada para o Brasil, soffreu a evolução logica determinada pelo meio ambiente e pelos meios raciaes que fermentam a salada brasileira. O dialecto está ahi, patente, irrefragavel, com modificações syntaxicas, com um enorme vocabulario novo, com modismos e idiotismos que só elles conseguem expressar as coisas e sentimentos novos peculiares á nossa terra. Mas esse dialecto é uma cousa e é outra cousa a corruptela desse dialecto pela bocca molle do caboclo.»

«Pensando assim, lamentamos que o grande, o maior **poeta** deste paiz, o poeta-poeta, o poeta cujas composições feitas em musica vivem de norte a sul cantadas por todas as boccas, despertando em todos os peitos as mais suaves emoções, não tenha escripto o seu livro em **nossa** lingua, a lingua brasileira, filha da portugueza. Escolheu para isso em vez do nosso dialecto, a corruptela cabocla, como poderia ter escolhido a corruptela do negro, do italiano, do turco. Fez assim um livro que não se dirige a nós brasileiros que lemos e sentimos, mas apenas ao residuo racial que vegeta nos sertões e que não o lerá nunca, porque é analfabeto.

Se Catullo traduzir seus versos em 'nossa lingua, não receamos affirmar-o, fará uma obra que marcará epocha, creará escola, determinará correntes. Está nas suas mãos ser apenas um poeta caipira ou ser o maior poeta popular do Brasil.»

Como resistir a taes argumentos, sobretudo a esta promessa ultima, quando conceitos dessa ordem partem da penna consagrada de MONTEIRO LOBATO?

Só pedindo amparo a outra autoridade, a de JOSÉ ORTICICA, critico e philologo, que, precisamente sobre este thema, assim se externou :

«Catullo... fez-se, elle mesmo, cangaceiro, marroeiro, lenhador, passador de gado, adoptou o semi-dialecto sertanista com uma justeza raras vezes claudicante. O sabor que nos advém desse processo é delicioso. Seu livro perderia cincoenta por cento si fôra escripto em «lingua de branco.»

«O livro de Catullo é preciosissimo para a philologia brasileira. Vae ficar como livro classico, manancial de exemplos para o futuro grande dictionario da lingua portugueza, onde se consignarão, com a phrase abonatoria, os muitissimos vocabulos de nossa terra. Firmando-se em livro, firmam-se no lexico.

Demais, a transcripção phonetica do linguajar caipira é o texto exacto para documentação da morphologia dialectal brasileira, instrumento indispensavel aos linguistas que allí estudarão as corruptelas, os archaismos, as transformações phoneticas do idioma, as influencias varias do africano e do tupi.» *A Rua*, 27 julho 1919.

CATULLO CEARENSE só desejava dar razão aos dois...

O EDITOR

O SONHO

Poetas! Vou contar-vos um sonho, em que, n'um surto es-
piritual, me transportei ao sertão, onde nasci. A noite era de
plenilunio. Bebendo os mysterios da lua pelas mãos da saudade
dos 25 annos de ausencia, alli, no regaço das mattas indomesti-
cas, entrei a cantar os versos que escrevi a essa Virgem Maria
dos trovadores. Sentia-me opulento, mil vezes millionario, porque
me encontrava, outra vez, no coração do meu palacio de folhas. E
cantava: — «Não ha, ó gente, oh, não, luar, como esse do ser-
tão»,—quando um velho jequitibá, onde outr'ora me encostava
para conversar com os passaros errantes, começou a falar assim:

«Quem te deu o direito de violar o silencio desta noite mi-
sericordiosa?! Que vens aqui fazer nestas soledades, onde, de-
pois de teres sido confidente de nossos melindres, já foste amaldi-
çoado pelos nossos corações?! Não nos pertences mais. O teu
estro está eivado de civilização. Não esperes que amanheça. Se
estas fontes, estas lagoas, estes plunitivos e estas arvores te virem,
te esmagarão sob o guante do seu escarneo, porque, ainda que sof-
fresses cem annos, não lavarías as maculas do teu crime nefario.
Eu, Imperador destes vegetaes, falo por toda a Natureza. Fita
a lua. O seu brial argenteo inturvou-se. Como agradecer-te as
estrophes que lhe fizeste, se as offerceste á maldita civilização?
A lua sertaneja não é a lua das cidades. Esse canto religioso era
nosso: só devêra ser vibrado nestas cathedraes de verdura. Porque
foste falar dos threnos de um sabiá, pelas Avenidas infernaes,
onde só se ouve a algozarra dos categorias e o grito estúpido

dos automoveis fumarentos?! Porque foste desbriar as cordas de uma viola serrana e os desafios agrestes dos caboclos namorados?! Porque atirar ao riso alvar das turbas deshumanamente civilizadas, a virgindade moral de um cangacero, que respeita a honra de uma mulher, como eu respeito o pundonor lunar, que se velou sob o lemiste de uma nuvem, para que não gozes mais da sua luminosidade?!

Porque andaste pelas sentinas dos theatros, ridicularizando a paixão de um marrociro, selvagem, mas formosa, como este amor que me estremece o caule e o diadema dos meus ramos, quando avisto a lucillação da estrella, que é o sonho dourado das manhãs?! Porque andas, como um palhaço, provocando a hilariedade aristocratica dos salões, que não te pôde entender, falando do heroismo e abnegação de rude campeiro, que sacrifica as suas affeições profundas e a gloria de um triumpho, pelo amor super-humano que consagra ao seu cavallo, que não trocára por todos os sabios, por todos os doutores, por todos os poetas do mundo?! Que theatro te pôde apresentar o espectáculo deste céu alfinetado de estrellas?

Que scenario mais sublime e tragico que uma noite de tempestade, em que eu recito os meus poemas vegetaes, gesticulando com estes braços verdes, acompanhado pelos psalterios e alaúdes dos ventos solitarios?! Em que avenidas contemplarias manhãs mais cêlicas, mais sonoras, mais harmonicas, do que estas manhãs sertanejas, sob cujas celestinagens, o sabiú despetála, do seu ninho, o Hymno Brasileiro das Selvas?! Que cinematographo mais encantador que a pintura destas florestas polyphonicas?! Olha para mim! Ainda estou na primavera do envelhecer! Sou, como era, a mesma taça de esmeralda, em que a noite derrama os myosotes do sereno, para que o sol se refrigere, ao despontar.

Já não pôdes comprehender a alegria de uma arvore, quando, sobre as verdes illuzões da sua copa verde, um passaro de vestes multicores vem descansar, ao feneceer da tarde, para musicar a melancholia do crepusculo! Assim como tambem já não te e dado interpretar a magoa desse menestrel florestal, quando se sente prêso, não nas grades de uma gaiola, mas no ergástulo

frio dos versos de um poeta, que despreza a liberdade, a generosidade ancestral das mattas e os ancenúbios destas madrugadas, para se fazer um versejador vulgar da civilização, que tudo empequenece! *Philosophia*, *Arte*, *Musica*, *Esculptura* e *Poesia*, só ha na *Natureza*. *Philosophia* — na austeridade das noites tempestuosas e das arvores hercúleas, como eu! *Arte*—na feitura destes ninhos, na constituição destas flores libertas! *Musica* — na musica das aves e das cachoeiras, e na que palpita nas arterias deste silencio farfalhante e no claror da lua, espumando as suas ondas de leite na praia esmeraldina destes arvoredos!

Esculptura—no conspecto destes arvoredos! E *Poesia*—na que Deus escreve no palimpsesto deste firmamento, com a tinta fulva das estrellas e na que o sol declama, quando surge no horizonte, como um penacho de luz, varrendo as trevas! *Vae!* Já não nos pertences mais! *Réprobo!* Já não sabes tanger n'uma viola uma oração de sons, que se derramem pelos altares da noite! Já não sabes abraçar teu instrumento, como um rio, docemente rumoroso, abraça as suas duas margens viridentes! Tu já não traduzes nos teus cantos a alegria das trevas e a tristeza da luz! Lá, onde vives, passas as noites pelas ruas, nos pandemonios orgiácos, nas estrebarias da materia, mas já não sabes cahir nos braços do silencio, entoando uma canção, unvida pelo oleo luminoso da lua enamorada! *Vae!* *Retira-te!*

Com os teus olhos de bípede civilizado não podes ver o que eu vejo agora, para aquellas bandas do Nascente! Já começo a sentir no arminho das minhas folhas a blandícia dos crystaes da *Annunciação da Alvorada!* Olha para aquelles montes, que, com as primícias do dilúculo, já distinguirás as silhuetas daquellas arvores, infleiradas, como se fosse uma visão de crucifixos!!

A manhã vae despertar e é conveniente que ella não te encontre aqui, sob a protecção dos meus ramos!

A alvorada do sertão te odeia!

Nunca te lembraste della, que tanto te inspirava! Ella está enciumada! Cantaste a noite de luar e esqueceste-a! *Vae*, miseravel!

Porque não nos offereceste o livro que publicaste, como era do teu dever e gratidão?! Os poetas e os literatos de lá te consideram um réles modinheiro, um capadocio de insípidas serenatas! Fomos vingados.

Se estivesses entre nós, serias hoje um sabiú honorario, e o teu livro já teria sido laureado pelps applausos de toda a Natureza!

Retira-te! Não tarda o sol destramar-se da chrysallida do Nascente, como uma borboleta de fogo, para esvoaçar pela febre azul deste firmamento!»

E calou-se. Longe, muito longe, os gallos preludiavam! A passarada começava a ensaiar os seus modilhos, para a recepção lyrica da irmã das noites enluaradas!

Era Ella! Era a Alvorada do sertão, que ha 25 annos eu não via!

Osculando o tronco do philosopho das mattas e desfiando dos olhos as violetas brancas da compunção e arrependimento, assim lhe disse:

— «Póde toda a alma do sertão, falando pela vossa bocca, expulsar-me para sempre do seu convívio, se pequei. Mas concedei-me a dulcíssima graça de saudar, pela ultima vez, a alvorada, que já se desfolha!»

E, como o silencio do velho jequitibá era a manifestação do seu consentimento, dedilhando as cordas da minha viola, ajoelhado, e com os olhos florecidos de lagrimas, comecei a cantar:

(ALVORADA DO SERTÃO)

(Estribillo)

«Recorda, coração,
as manhãs claras
do sertão!!

Ai !... Quanta dor
 brota do amor
 da luz nascente,
 misericordiosissimamente,
 ó meu coração!!!

A alma de Deos é que resplende,
 extasiada,
 sobre a luz crucificada
 da manhã do meu sertão.

Ai !... Quanta luz !...
 Quanta tristeza harmonizada,
 no sertão, n'uma alvorada,
 lentejada
 de crystaes !

A natureza acorda, em festas
 lacrimosas,
 vendo Deos queimando
 as rosas
 dos sertões celestiaes.

Se as noites lindas de luar,
 se as noites calmas,
 abrem n'alma,
 a flor das almas,

que se diz — Recordação —
 essas manhãs,
 que são chrysállidas do dia,
 são as rosas da agonia
 do prazer do coração.

Se a voz do gallo, que as tristezas
 insinúa,
 é a propria alma da lua,
 no seu canto a soluçar,
 quando amanhece,
 é um hymno muito mais bonito,
 porque a voz do gallo é o grito
 lá do sol, que vae brotar.

Se o gallo canta á luz da lua
 sertaneja,
 que o sertão todo alvoreja,
 lá nos céos a resplender,
 é com saudade da saudade
 da alvorada,
 da manhã fresca e rosada,
 que tomára já nascer.

No altar azul do lacrimal
 das noites bellas,
 ha no céo festas de estrellas,
 festas brancas de luar !
 Mas, finda a noite,
 vae a terra despertando,
 e o sertão desabrochando
 n'uma flor crepuscular.

Ai !... Quem nos déra,
 quando fôsse alvorecendo,
 Deos parasse o sol nascendo,
 não deixasse o sol nascer !
 Porque a manhã cá do sertão,
 quando alvorece,
 é tão alva, que parece
 que é o luar do amanhecer !

Hora gloriosa
 dos amores
 e das flores
 e dos passaros cantores,
 tão saudosa e tão louçã !
 Hora dilecta,

em que Deos foi mais poeta !
 Predilecta
 da Poesia !
 Ave Maria
 da Manhã !!

Noiva do Sol !
 Irmã das noites argentadas,
 que me dás bênçãos douradas
 com tuas mãos de rosicler !
 Manhã,
 que nasces, promettendo
 a Eternidade,
 e nos deixas, sem piedade,
 tal-qualmente uma mulher !

Se Deos me ouvisse com amor
 e caridade,
 me faria esta vontade,
 que é o meu unico ideal !...
 Quando a manhã cá no sertão
 fosse nascendo,
 eu tambem fosse morrendo,
 como a Estrella Matinal...»

E acordei.

Estes versos devem ser cantados com a musica do LUAR DO SERTÃO

JOÃO BRANCO NA CAPITAL

JOÃO BRANCO, sertanejo como Chico Miron-
ga, vem á Capital Federal, para desmentir as
impressões pessimistas que o seu companheiro
d'aqui levou. Voltando ao sertão no fim de tres
mezes, vae agora, entre os seus, confirmal-as,
acrescentando que a coisa é peor. Este poe-
ma é uma como continuação do *Passador de
Gado*, que se encontra no meu primeiro livro —
Meu Sertão.

JOÃO BRANCO NA CAPITAL

Minha gente ! Prú piadade !
Não me obriga a falá, não !
O nosso Chico Mironga,
esse bicho mintiroso,
desta vez teve rezão.

Elle não disse a ametade,
do que enxergou, Zé Piancó !
Prú Santo Onofe, eu te juro,
que a coisa é munto pió !

Mané Joaquim ! minha bocca
nem tudo póde dizê !...
Eu vi tudo cum estes óio,
que a terra tem de comê.

Logo no prêmêro dia
que lá cheguei, fui róbádo

no dinhêro que eu levava,
cum tanto suó ganhado,
c'uma inxada trabaiando,
na prantação do roçado.

Prá fazê minha viage,
tu sabe, Chico Francisco,
que eu vendi minha maiada,
toda a criação miúnça
e o meu cavallo o *Curisco*.

Só dêspois de tê cahido
na mardita da candonga,
é que me isbarrei na Côrte,
cum o cumpade do Mironga.

Aqui, no nosso sertão,
tem munto cabra ladrão.

Os ladrão destas parage
vem da canáia ruim,
mas porêem, óia, na Côrte,
a coisa não é ansim.

Eu não sabia que os hôme
mais mió e arrespeitado
era os ladrão lá das terra
dos hôme cirvilizado.

Óia : o que eu li tôu dizendo,
se quizé, pôde inscrevé.

Cumade !... Nem que vancê
assumptasse um anno intêro,
nunca havéra de dizê
quem me róbou meu dinhêro !!

Fiquei de bocca prô á,
quando eu vi no outro dia
a cara do Cundurú
pubricada nos jorná.

Pulas praga que eu roguei,
esse hôme, que me impuiuou,
tem de pagá munto caro !
Vancê qué sabê quem foi
que me róbou ? !
um *vigáro* !!!!

Um hôme que a gente bêja,
quando ouve missa, na Ingrêja!!!

Leve a bréca, meu cumpade,
a tá cirvilização!

Apois o sinhô vigáro
todo o dia tá robando,
e nunca váe prá prizão.

Óra aqui, Mané Bijú!
Não é prú querê falá:
a Côrte, essa Capitá,
pissúe muntas Avinida
de terra e de bêra-má;

tem casa que um hôme leva
um dia intêro a atrepá!

A casa do Perzidente,
a Bibrótéca, o Manrôido,
o Triato Municipá,
tem munta coisa de lunxo,
munta coisa prá si oiá.

Mas porêem tem munto cabra
que anda sempe na Avinida,
nos ôtrómóve ou de pé,
que passa o dia intêrinho
cum uma chica de café!

Vancê tá vendo acolá
 um cabra sarambelão,
 c'uma camisa arrufada,
 uma gruvata pintada,
 cum o chapéu sempe na mão ;
 fazendo prá todo o mundo
 uma cumprimentação ;
 cum os braço aberto e bufando,
 quê inté parece um pavão ?

Um sarará que se damna,
 quando vê uma muié,
 e váe atraz, no sucáro,
 cumo mosca, quando sente
 o chêro fresco de mé !?..

Apois bem. Vire o candimba
 cum a focinhêra prô chão,
 que não cáe daquelles bôrso
 nem um nike de tostão.

Nos suburbo, inté parece
 que as criancinha não côme.

De tarde, pulas varêda,
 vortando do seu trabáio,

eu via passá uns hôme,
 que lá se chama — operáio,
 praquê tem cara de fôme.

Manzombêra, isfabriçada,
 eu não sei que gente é aquella,
 que tem os óio tão triste
 e a cara toda amarella.

Lá nas rua, nas istrada,
 andando tudo prú junto,
 vancê não isfréga um ôio,
 sem vê passá um trambôio,
 uma carroça dourada,
 que váe levando um difunto.

Dento da carangajóla
 váe o sinhô operaio,
 puxado prú dois burro !
 E o carro todo infrorado,
 prú seis cavallo puxado,
 leva o doutô, o hôme rico !

O cadáve do difunto,
 ansim, n'um bahú fechado,
 váe caminhando, acóxádo,

prô rancho do çumitéro,
dento de cinco parêde.

Cumpade! Viva os sarváge,
que faz a úrtima viage,
no balanço d'uma rêde,
sentindo o bêjo dos matto,
e as pizada do regato,
que segue a gente cum mágua,
cumo se fosse um caminho
que váe andando, sozinho,
cum as areia feita d'agua !...

De vez imquando iscutando
uma viola saluçando !...
Pulos uvído bebendo
o adeus da tarde morrendo,
no biquinho d'um xenxéu !...
Cumo o Isprito, de aza sôrta,
suas penna sacudindo,
váe cantando, váe se rindo,
váe assubindo, assubindo,
cumo um pássso, lá prê céo !

E os doutô tá lá dizendo,
ná Côrte, pulos jorná,

que os sertão da nossa terra
 não é mais que um hospité!

Esses doutô dislambido
 anda a inventá tanta coisa,
 que inté faz raiva na gente !!
 Que diabo é crislóstómoge,
 diambéta, trumberculóge ?!
 Quanta porquêra, cumade !!
 Quanta palavra indecente !!

Prá dizê que meu cumpade
 tem nos pé uma friêra,
 os doutô enche tres livro,
 que eu não sei donde esses hôme
 váe buscá tanta bestêra.

Manué Brejó, d'uma feita,
 quage morrí d'uma dô !!
 O cumpade do Mironga
 mandou chamá um doutô.

Parando um carro na porta,
 um Dunga desapiôu,
 e dênde as unha dos pé

inté a raiz do quêngo,
todo o corpo me parpôu.

Despois, disse prôs de casa
que eu táva munto im pirigo :
que eu tinha uma hôpantite,
aqui, na bocçá do figo.

Tirou do borso uma penna,
e um papêu todo interinho
o diabo iscarafunchou.

Quando eu uví, meu cumpade,
todo o nome das mêzinha
que o diacho me arreceitou,
eu não senti mais a dô !

Mandei buscá lá na venda,
um *contra* de manduréba,
e o seu Chico Pé de Chumbo
n'um instantinho me curou !

Tudo lá fala de nós,
dizendo que os nossos fío
perciza de se curá.

Mas porê, cumpade, a Côrte
 é que é mêmo um hospitá !
 Se vancê passá nas rua
 as cinco hora, cumade,
 vancê só vê as criança,
 os moço, as moça, os perrengue,
 e as muié tomando chá.

Os fío cá destas banda,
 que tem muque e sangue quente,
 não sabe qué coisa é chá,
 senão quando tá duente.

Tando na Côrte tres mez,
 só fui no triato uma vez,
 prú via de Dizidéro
 um dia me agarantí
 que os tá de actô nessa noite
 ia falá no triato
 destas terra onde eu nasci.

Fui no triato. Apois não !
 Ai!.. Quanta sastifação
 eu havéra de sentí,
 vendo os actô, esses hôme
 falando do meu sertão!

Mas porê, que mardição !

Deos do céu nunca aprêmita
que vancês vêje a porquêra
dassa xêta que uví.

Os inscriptô e os actô
pensa lá que os sertanejo
só nasceu prá fazê rí !

Só mêmo um taparambé
inscrivía aquellas coisa
da nossa terra querida.

Foi talvez um bacharé,
que do sertão só conhece
as moda lá da avinida.

Quando eu vi dois bobaião,
vestido de sertanejo,
prá cantá n'uma tuada,
cumo o Chico da Boiada
canta aqui cum o Zé Grotão,

eu gritei: — isso é mentira !!

— Fóra !... Fóra os inscriptô !!

— E' pena aqui nestas mão

— não tê um chiqueradô!

— Se eu tivesse um pêia-boi,

— eu derreava esses hôme,

— todos esses instrangêro,

— prá amostrá que não se brinca

— cum um cabôco rebingudo,

— que não conhece o arphabêto,

— mas porêm que é brasilêro ! —

Cumpade ! Quanta mardade !

Cumade ! Que farsidade !

O Bêra d'Agua, o Aruêra,

o Pedro Caxinguelê,

o Venanço, o Zé Curinga,

a Mariquinha Sapê,

diz tanto verso bunito

e nunca prendêu a lê!

Meu cumpade: a Natureza

é uma carta de A. B. C.

A poesia dos doutô
 desses poeta lá da Côrte,
 tá cheia de palavrão,
 mas porêem não vale nada !..
 E' é uma coisa atrapaiada !..
 E' uma atrapaiação.

E' verso só de cabeça !
 Não é cumo os pé de verso
 desses cabra d'aqui, não.

O verso aqui do sertão
 é um bêja-frô que se sente
 sahí da bocca da gente,
 cum as penuginha inda quente
 do ninho do coração.

Mas porêem... Vamos ao triato,
 que o caso inda não findou.

Quando o triato acabou,
 im riba d'um cambaróte
 bateu as aza um frangote,
 um cara de bacury,
 prá dizê uma poesia,
 c'uma nusga sertaneja,
 cum o nome de *Suvenil*.

Ah, cumade ! Ah ! meu cumpade !
 Quando o amigo Dizidéro
 me disse que *Suveni*
 era o mêmo que — Saudade —,
 eu não sei o que sentí !

Gritei cum todo o talento
 que elle não dizesse os verso,
 imquanto eu tivêsse alli !!
 Que era uma pouca vrégôonha !
 Que eu era um hôme de idade,
 e fío aquí do Brazí,
 e nunca incontrei um cabra
 que dizesse que Saudade
 podia sê — *Suveni* !!!

Essa palavra fermosa
 que minha mãe carinhosa,
 quando se foi prô outro mundo
 n'um bêjo deixou-me aqui !

— Canáia ! — entonce gritei !.
 Fiz cum as mão um dizafôro !
 Butei o chapeu de couro
 e logo me arritirei !!

Não falo a vancês das moda,
 praquê só vendo com os óio,
 é possíve creditá !

Toda a muié praciana
 leva im riba da cabeça,
 cumo chapéu, um jacá.

Óia !... Apois se vancês visse
 as muié cumo se veste,
 la naquella infernação,
 vancês ria, ria tanto,
 de arrebenhá os purmão.

O'xênte !.. Daquellas moda
 é mió não dizê nada...
 As cabôca sertaneja
 não deve sabê das coisa
 daquella gente inducada.

Abasta eu dizê, somentes,
 que um dia eu vi na Avinida
 uma praciana vestida
 c'um panno feito de escuma,
 mais fino do que um papêu,

carregando na cabeça
uma gallinha arripiada,
batendo as aza, espetada
no topéte do chapéu !!

Cumpade Zé Pernambuco !...
O carnava lá na Côrte
é o dia que o Capirôto
fez prá festa dos maluco.

A gente vê tanta coisa,
tanta coisa a gente vê,
que inté a gente não sabe
o que a gente ha de fazê.

N'outros tempo esse forguêdo
não passava de tres dia...
Era tres dia e tres noite
prôs diabo andá no bruxêdo
cum toda a sarvajaria.

Mas porém o que eu achei,
que não tá munto dêrêito,
era a farta de arrespeito
daquella gente assanhada,

que eu não sei praquê rézão,
andava pula Avinida,
cantando as nossa tuáda !

Magíne agora vancê
o canto d'um comboêro
na bocca daquelles hôme,
que inté parece instrangêro !
Nós naceu câ no Brasí !...
Querêmo sê brasilêro !

Nós é burro, meu cumpade !
Nós fala cumo Deos qué !
A cantiga é brasilêra,
cumo a casa de sapé !

Nós canta im frente da trópa !

A gente chóra nas corda,
cantando a dô, a alegria,
sem percizá da instruvanca
das lingua dessas Europa.

Elles se ri, ri de nós,
praquê tem a bocca cheia !

Um hôme lá da Avinida
 não fala cinco minuto,
 sem mexê na lingua aêia !

Quáge ceguei destes óio,
 quando levei a isguinchada
 d'um tá de lança préfúme,
 que é um canudo de tabóca,
 cheio de cachaça quente,
 que, ao despois, dêxa na gente
 um chêro frio, um cherinho,
 taliquá gallinha chóca.

Tem tres Assuciedade
 o Carnavá, meu cumpade :
 — Os Tenente prôs Diabo,
 — Os Ferniano, os Dêmoscráta
 e inda purriba os cordão.

Ói : eu falo com liardade :
 não gosto daquillo, não.

Minha cumade adiscurpe,
 se eu dissé que uma muié,
 n'um giráu, que ia rodando
 im riba d'um carro, óiando

só prá mim, que táva alli,
 sem vrégonha e sem sabê
 se era sortêro ou casado,
 me pinxou com os dêdo um bêjo
 e, despôis, se poz-se a rí !

Muié de cara lambida,
 cumo aquella, eu nunca vi !

Cumpade, as coisa que eu vi
 no diabo do carnavá,
 mêmo eu sendo seu cumpade,
 me invrégônho de contá !

D'uma feita, eu fui na casa
 do seu doutô dos phonósgo,
 um cara de jaboty.

Eu fui com elle assuntá,
 prá sabê se elle queria
 umas tuadas me ouví,
 e despois butá na róda,
 inscrevê no prato preto
 uns acalanto de viola
 do Cantadô Bemtiví.

Esse hôme que troca lingua
 cum as arma lá do outro mundo,
 e intende aquelle fardunço,
 foi buscá uma rodéla
 d'um cantadô das instranja,
 que lá se chama : Carunço.

O prato poz-se a rodá,
 e o Carunço abriu a guéla,
 que a gente uvindo o turéba,
 é cumo se a gente uvísse
 os grito das araponga
 e a passarada a gritá !

Quando o Carunço acabou,
 ánte de eu me árritirá,
 eu disse prô doutô Fígar,
 que o cabra tinha purmão,
 mas porêem que era perciso
 ví aprendê cum os violêro
 e os cantadô do sertão !

Eu disse prô sinhô Fígar
 que elle mandasse o tenô
 lá das instranja prá cá,
 prá ví prendê a cantá

cum os mais grande cantadô
 — cum o Juca Chiqueradô,
 — cum o Bernardino Cabaça,
 — cum o Antonio Pedro Cachaça,
 — cum o Chico e o José Chicão —
 e, despois, que elle vinhésse
 um dia aqui, no sertão,
 somentes prá elle iscutá,
 n'uma noite de lúá,
 de um lúá feito de ouro,
 esse Carunço damnado,
 vestido todo de couro,
 c'uma aguiada na mão,
 n'um acalanto chorado,
 cantando e tangendo o gado,
 na frente do boiadão.

Sahi sem dizê mais nada
 e inté agora eu não sei
 se o Fígar me deu rézão.

Manué Joaquim, ouve lá.
 Tem lá na Côrte uma casa,
 que se chama Acardimía,
 e é onde os hôme se ajunta
 prá cantá suas poesia.

Ora, agora vêje bem.

Sabendo já, seu Joaquim,
 que a Acardimía era ansim,
 butei as véstia de couro,
 e, cum meu *pinho* mattêro,
 n'um dia de ajuntamento,
 fui vê os meu cumpanhêro.

A casa da Acardimía
 é taliquá uma casa
 de Fazenda ou, mió, de Ingenho,
 que é cumo se diz no Norte.

O cumpade do Mirônga
 me disse que todo o hôme
 que um dia tivé a sorte
 de intrá lá no Côpiá,
 perde o nome de báutismo,
 prá ficá sendo chamado: —
 Sinhô Doutô Immortá !

Eu jurgava, meu cumpade,
 que alli só ia incontrá
 os hôme que faz poesia,
 que faz históra bonita
 e que inscrêve nos jorná.

Mas porê, quá meu amigo !
 A casa táva crivada
 dos doutô que não inscrêve,
 que só prendêu a curá,
 dos hôme que faz estrada,
 dos outro que faz as lêzes,
 e um baudo de generá!!

Despois eu súb, cumpade,
 Ói só !... Parece incrive
 que alli, no meio dos hôme
 de intilligênça e cachóla,
 só tinha um, um somentes,
 que gemia n'uma gaita
 e puntiava na viola !!

E' um cabôco surungánga,
 um cabra dizimbambado,
 c'uma cabeça de arára,
 uns bigode isporeado,
 uns óio de onça veadêra,
 que tu parece tá vendo
 o namorado da Rosa,
 — o Antonio das Cuviêra.

'Sube depois que esse Cabra
 tem munta coisa inscrivido

cá do sertão... Sim, sinhô!
 Dizidéro leu prá mim
 uma históra, onde elle conta
 que andava fazendo cêra
 prá menina da Fazenda,
 que li tinha munto amô,
 e que, depois, n'uma tarde,
 prú via lá dos páe della,
 dexando o Cabra incruado,
 bateu aza lá do Ingenho
 e nunca mais lá vortou! (*)

Dizidéro táva lendo
 e eu táva uvindo e chorando,
 gostando daquellas coisa
 que fala aqui deste matto!
 O'xênte!.. Eu juro a vancês
 que esse poeta mandronguêro
 tem pauta com o Pé de Pato!

Eu só queria, cumade,
 que vancê uvísse a históra,
 que elle inscrevêu prárs parmêra!

(*)O sertanejo refere-se ao poema *Alma em Flor*, do illustre academico.

Não sei lá se elle é doutô...
Só sube que elle é chamado :
seu Arbérto de Olivera.

Faz gosto a gente iscutá !!
Os verso daquelle hôme
canta no uvído da gente,
que inté parece que o diabo
é fío de sabiá !!

Mas porê m aquellas coisa
que eu não podia intendê,
(Que pena !!) táva inscrivida
na lingua dos Immortá !

Se esse hôme da Acardimía
vinhêsse entonce prá cá,
e visse um dia sambá
o Antonio das Cuiêra
n'um samba, n'uma fonção,
era o mais grande campêro,
o mais grande dos violêro
das matta deste sertão !

Cumpade !.. Vancê qué vê
o que aquelles hôme é ? !

Dêxe vê uma pitada
do seu chêroso rapé.

Ói... Lá, na Acardimía,
têm munto taquarambó
que nunca pegou na penna
prá inscrevê um livro só !

Apois um hôme, cumpade,
um tá de Francisco Arve
lá da rua do Ouvidô,
que inscreveu aquillo tudo :
— um casarão que tá cheio
só de livro, sim, sinhô !...
Esse grande sabedô ! !...
Esse sábiu que dêxou
tudo quanto elle ganhou
prôs Immortá, prôs doutô !...
O mió dos inscriptô,
que inscreveu tanta sciença,
toda aquella livraria,
morreu, cumo um animá,
cumo um burro, que é mortá,
sem intrá prá Acardimía ! !

Eu queria intrá na Casa
 ao mêno uma vez, (oxênte!!..)
 prá sabê se era verdade
 que eu ficava prá semente !

Uvindo essas coisa toda,
 que Dizidéro falou,
 o seu cumpade João Branco,
 distemperando a viola,
 não quiz intrá !! Não introu !

Agora eu quero falá
 d'uns hôme chamado *Estáta*,
 que anda ispaiádo prá lá.

No Campo de São Francisco,
 ví um sinhô munto séro,
 chamado Zé Bunifaço,
 hôme de munta honradez,
 que pula cara se vê-se
 que elle só véve assuntando
 nas bestêra que elle fez.

Ora, vêje vasmincê :
 esse sinhô Bunifaço
 foi feito estata pruguê

foi elle quem ensinou
o segundo Imperadô
a inscrevê e lê purriba
n'uma carta de A. B. C. !!

Mas porêm aquelle véio,
virado sempe prá um lado,
c'uma cara de philósogo
e um óiá de Imperadô,
é um veiacão, meu cumpade,
que finge que tá pensando,
e só leva oiando, oiando,
prá vê as meía de cô
das muié que vae passando
pula rua do Ouvidô.

No outro Campo do Rucío,
vi o Reis Pedro Prêmêro,
remunhetando, atrepado
n'um alazão passarinho.
O cabra já tá quêmado
do só que leva nas fuça
toda hora... o dia intêro.

Fiquei cum pena do Pedro !

Mas porêem, quando assubiá
 prá li butá na cabeça
 o meu chapeu de tropêro,
 o Pedro, que tá cansado
 de tê o braço de pé,
 gritou de riba prá báxo,
 que eu me vi quage intramado
 lá no meio dos sarvage,
 das onça, dos caitetú,
 das anta e dos jacaré.'

Cumo esse Rêis discarado,
 esse cara de timbú,
 consente que aquelles bruto
 estêje alli n'um arraiá,
 cumo elles véve nos matto,
 sem vregônha, quage nú?!

Os sinhô cirvilizado
 pôde dizê que isso tudo
 tá munto bão, tá dêreito!
 Mas porêem aquillo tudo
 é uma patifaria!...

Deos me livre que a muié,
 visse aquella barbaria,
 que é uma farta de arrespeito.

Eu fugia dos sarváge
 que me queria fisgá,
 quando adiente isbarrei
 c'um o diabo d'um assassino
 e cumecei a gritá :
 — Ai ! Soccorro ! Aqui del rei !

Era um tapúio, um cafuzo,
 cum os dois óio tão vrémêio,
 que parecia cravão !
 Eu não sei cumo a Poliça
 dêxa alli aquelle hôme
 cum aquelle quicê na mão ?

E' o tá de João Caetano,
 um capanga, um valentão.

Se esse bicho é mêmo bão,
 pruquê não vem o perrêngue
 cum aquelle caxêrenguêngue
 prá aqui, pró nosso sertão,
 brincá cum o Luca, o João Féra,
 ou cum o Zê do Cacimbão ? !

Sêje prú via somentes
 d'arguma grande lóuquêra,
 sêje pulas bebedêra...
 (apois que elle tá cercado
 dos burtiquim, dos café...)
 ou sêje pulo chamêgo
 de toda aquellas`muié,
 a Poliça ja devia
 tê d'alli iscurraçado
 esse bicho arriliado,
 esse hôme provocadô,
 que Dizidéro me disse
 que tômbêm era um actô.

A não sê Pedro Prêmêro,
 inda tem dois Rêis pequeno,
 que se chama — marechá...
 qué dizê : — dois *militá*.

O Osóro, que é um generá,
 que é o terrô dos paraguáia,
 tá iscanhado n'um cavallo,
 prá cá da bêra da praia.

No seu piquira amuntado,
 parece, ansim, afobado,
 que ainda tá na batáia.

O Caxia, outro guerrêro,
 c'umas prósa de campêro,
 tá no Campo do Machado,
 atrepado n'um bezêro,
 que inté parece um viado.

Quando de noite o Caxia,
 rasgando os purmão de ferro,
 diz: — Osóro !.. O que háy prá lá ? ! —

O Osóro, o outro valente,
 que tá sempe de vigia,
 arresponde: Não háy nada!
 Tôu vendo só, seu Caxia,
 cumo faz saudade a gente
 uma noite de lûá !! —

Ambos os dois lá se entende,
 que um e outro é marechá.

Do lado, num jardimzinho,
 tá um hôme, sem pangaré,
 um sinhô que foi mininstro,
 e que morreu tendo só
 nos bôrso quatro mír ré !

Morreu moço e munto cedo
 esse hôme que se chamava
 — Seu Bruaque de Macedo.

Só prú vía desse moço
 tê morrido ansim tão pobre,
 sendo um mininistro que é um hôme,
 que, se é bom republicano,
 fica rico n'um instante,
 se eu fôsse o seu Perzidente,
 im vez de ferro ou de bronze,
 elle havéra de sê feito
 todo de ouro e de briante.

Vi tombêm um outro sábioum,
 um patrão munto de bem,
 que deu cabo d'uns bichinho
 e depois morreu tombêm.

O doutô tá c'uma cara
 e c'uma philuzustria
 de quem tá mêmo a pensá.

Me disséro que esse sábioum
 foi o Osóro dos mosquito,
 dos maruím, das muriçóca,

vencendo tudo na guerra,
 cumo um bravo generá !

(Não é só nós, Zé Lourenço,
 que véve só n'um hospitá !)

Apois bem. Naquella noite,
 indo eu drumí no suburbo,
 que é mió prá se drumí,
 passei a noite intêrinha,
 cum os dois óio arregalado,
 uvíndo os mardiquádo,
 que é pió do qué os d'aquí !

O que eu digo, Zé Lourenço,
 e vancê póde dizê,
 é que a Côrte da Republica
 tem maruí m como quê !...

N'um campinho... (agora o nome
 é que eu não posso alembrá...)
 ví um sinhô Conseiêro,
 chamado : Zé de Alencá.

Abasta óiá prô cabôco,
 prá gente dizê que o bicho
 é fío do Ceará !!

Munto a seu gosto assentado,
 n'um caçúá imborcado,
 e um papêu n'uma das mão,
 véve inscrevendo umas coisa,
 umas históra bunita,
 que fala aqui das cabôca
 e dos cabra valentão.

Aquelle é home do Norte!
 Não é cá de novidade!
 E' quarqué dia, cumpade,
 o Conseiêro, apois não,
 prá ficá mais á vontade,
 tira as bóta e o casacão,
 e fica alli de ciloura,
 cumo andava lá no Ingenho
 do seu querido' sertão.

Vi tômbem o seu Cabrá,
 que Dizidéro me disse
 que era um sordado do *má*,
 e que não era d'aqui.
 Pulas curversa que uví,
 esse Cabrá foi um cabra,
 que tinha tanta cabeça,
 que veio de Purtugá,
 só prá inventá o Brazí.

Tem mais seu Chico de Casto,
 que foi grande professô !
 Seu Rio Branco, um mininstro
 do difuncto Imperadô,
 que era um dungão alouvido
 e de munta opinião,
 que não quiz mais que as escrava
 tivesse fío prôs branco
 vende prú cinco tostão.

Bem im frente da *Centrá*
 vi seu Ottôni, um Doutô,
 que foi tômbêm um ginêro,
 c'umâ carça de vaquêro,
 e uma rabona cumprida,
 .cumo quem leva assumptando
 na istupidez da vida.

Um outro Doutô gurduncho,
 o seu Têxêra de Frêta,
 que Dizidéro agarante
 que prá pô preto no branco
 nunca teve um outro, não,
 foi hôme que apreparava
 vinte lêzes mais depressa
 do que vassuncê, cumade,
 faz um prato de pirão.

Oxênte ! Esse Doutô gordo,
 tá alli no meio da rua,
 imbruiádo num lençó,
 praquê Dizidéro disse
 que quanto se faz mais lêzes,
 a coisa fica pió.

Dizidéro me amostrou
 outro Armirante do *mã*,
 um tá de sinhô Barroso
 tômbêm de munto sabê,
 que leva de noite e dia
 berrando, acolá, furioso,
 que todo bão brazilêro
 deve cumprí seu devê.

Tenho pena do Armirante,
 daquelle ~~grande~~ guerrêro,
 que é mais fáci ispipocá
 aquelle peito já rouco
 de tanto e tanto gritá,
 que fazê um brazilêro
 um dia só li iscutá !!

Dizidéro me jurou
 que essa palavra — devê —

de tanto pezo e valô,
 nunca foi bem ixpricáda
 pulos tá repubricano:
 foi d'uma lingua faláda
 no tempo do Imperadô.

Háy mais um outro cabôco,
 que foi tómbêm marechá,
 cumo o Caxia, o Barrôzo,
 o Osóro e o Arve Cabrá!

E' o Froriano Pexôto,
 o seu marechá de ferro,
 cumo é chamado prú lá.

Esse cabôco turéba,
 na frente d'uma bandêra,
 cum a espada na mão guerrêra,
 fixe, de pé, dando as cõsta
 prô tá de Aliphante Branco
 — o Triato Municipá,
 dia e noite, noite e dia,
 não dróme, não fecha os óio,
 cum os óio sempe prô *má*.

Daquella canáia toda
 só gostei do marechá.

Que diabo tá lá fazendo
 aburrinhando o cabôco
 uma muié assanhada,
 inxirida e tarambélla,
 querendo bejá o hôme,
 que nem se importa cum ella ?

Aquillo é feio, cumpade,
 munto feio, sim, sinhô !

Cá no chão, outra xóróca,
 que a de ríba iscurraçou,
 prú via de querê dá
 prô marechá uma frô,
 leva alli o dia intêro
 e a noite intêra de pé,
 dando a frô prá todo mundo,
 e que, afiná, ninguem qué.

Quem não vê que aquella históra
 é o diabo da ciumêra ? !

Prá quê n'uma coisa séra
 se foi mettê bandaiêra,
 alli, nas barba d'um padre,
 um padre que tá amostrando

prá uma mocinha uma cruz!!
 Agora, diga, cumadre,
 pulo nome de Jesus: —
 o que faz lá do outro lado
 um hôme todo azangado,
 cheio de róço e gangento,
 c'um ladrão ajueiado,
 pedindo perdão prô crime
 de tê róbádo a porquêra
 d'um gallo véio e gosmento?!

Apois o raio do hôme
 não vê cumo lá na Côrte
 se tá morrendo de fôme?!
 Será pussíve que o padre
 não inxergue aquillo, não?!

D'outra banda, um outro cabra,
 que é talvez outro ladrão,
 foi pul'um outro agarrado
 e qué fugí dos sordado,
 prá não hí lá prá prizão.

Apois o raio do hôme
 não vê cumo lá na Côrte
 se tá morrendo de fome ?

E, agora, óxênte, eu pregunto :
 — que tá fazendo uma preta,
 cum outro preto, quage nú,
 n'um bate-bocca damnado,
 n'um chamêgo acanaiádo,
 fazendo daquella praça
 cumo se fosse um zungú ? !
 O que tem seu Froriano
 cum esse casá de aribú ? !

Já tôu cansado, cumpadre,
 de falá só nas estáta !
 Só farta falá d'um hôme
 que prá nós tem mais valô.
 Não é reis nera marechá,
 e nem sei lá se é doutô.
 Sei que é um cabra cantadô,
 praquê fez munta poesia.
 Seu nome é Gonçarves Dia.

Agora venha os violêro
 suas viola temperá,
 apois trago de cabeça
 quatro verso brasilêro
 prá vancês tudo cantá :
 «Minha terra tem parmêra,
 «donde canta o sabiá !
 «As áve que aqui grogêia,
 «não grogêia cumo la !»

Quem inscreveu estes verso
 havêra de tá n'um artá !

Toda a minhã, seu Lourenço,
 quando Dizidéro lía
 as fôia, os jorná do dia,
 eu não queria uví lê.

Aquelle papéu, cumade,
 era o preto que no branco
 táva a gemê... a gemê !

- Um hôme que se matou
- prú não tê o que cumê!...
- Outro que o vapô de terra
- n'um instantinho ismigaiou!...

- Um ladrão, que, prá róbá,
- uma muié safocou ! . . .
- Um tá sinhô Nôrástêno,
- que, prá via da duença,
- c'um suspensó se inforcou ! . . .
- Uma criança pequena
- que a mãe damnada ingeitou.
- Um doutô que na Avinida
- deu um tiro n'um doutô ! . . .
- O seu Francisco Manué
- que prá questã de famía
- metteu o páu na muié ! . . .
- Dois ôtrômóve isbarrado,
- e a fugida do chofé . . .
- Do travessão d'uma escada
- um operáio cahido,
- c'um a cabeça ispatifada . . .
- Uma casa de negoço,
- que, prá farta de dinhêro,
- o fogo lambeu cum o fôgo,
- matando quatro bombêro . . .
- Um mocinho, um cirdadão,
- daquelles lindo pavão,
- dos pavão lá da Avinida,
- que deu um tiro, somentes
- cum o instrondo de pórva secca,
- na bocca do coração ! . . .

Tudo isso, Zé Lourenço,
 eu não podia uví lê!...
 Não era um jorná!... Não era!...
 Era a cirvilização
 que eu táva uvindo a gemê?

Ai, cumade!... D'outra feita,
 quando eu cahí d'um electro,
 veio o carro da Assistença
 e um doutô mixiriquento,
 que disse prá Dizidéro
 que o caso era munto séro,
 apois eu tinha na quéda
 quebrado um osso prá dento.

Entonce seu Dizidéro,
 trocendo logo o nariz,
 me levou no consurtóro
 d'um doutô munto falado,
 que é cunhecido na Côrte
 pulo doutô *Raio X*.

Quando eu bispei que o damnado
 queria vê c'uma luz

· cá dento o osso quebrado,
 eu disse lá prô doutô :
 — vassuncê se cansa atôa,
 — que eu tenho o corpo fechado !

· O doutô se poz-se a rí ! . . .

Apois, cumpade, esse raio
 do seu doutô Raio X,
 não sabe cumo é que um hôme
 fecha o corpo, cumo eu fiz !!!

· Chico Mironga pensava
 que a Cambra dos Diputado
 era a casa do Mercado !
 Quá mercado, Zé Piancó !
 O negóço inda é pió !

· Aquillo parece um côco,
 acabando im bate-bôcca,
 quando os cabra anda arrastando
 as aza prá uma cabôca.

Imquanto os adiputado,
 n'uma tutubiação,
 berrava, batendo parma
 cum as bocca, cum os pé, cum as mão,
 um curinga, a móde bôbo,
 um bico de bacuráu,
 c'uma cara de veáco,
 atrepado n'um giráu,
 fazia tanto mungango,
 que parecia um macaco.
 Não pérciza te dizê
 que esse hôme, que era um doutô,
 tinha o nome de *Oradó*.

Quando os diabo se damnava,
 uvindo o prôsiadó,
 o cabeça, o Perzidente,
 prá acabá cum a mapiage,
 alevantava o focinho,
 e despois tudo acabava
 cum o toque d'um xucaínho.

Cem mir ré, todos os dia,
 ganha os tá de adiputado,
 prá fazê tanta arrelia !

Inda tem mais : o Senado !

Mas porê, óia !... Afiná...
Tudo aquillo é uma famia.

O Imperadô Perzidente
e os Dunga cirvilizado
queria que eu agarrasse
na camba do páu furado !
Eu disse prô sinhô Dunga
que o hôme que foi criado
cum o leite verde dos matto,
não dáva mais prá sordado.

Quando o hôme, meu cumpade,
me disse que era pércizo
sê sordado prá atirá,
eu me ri só, á vontade,
e disse prô generá :—
Vancê fica fíxe aqui !...
Eu fico fíxe acolá !...
Vancê pega na espingarda,
quando a garruncha eu pegá !...
Eu só faço a puntaria,
quando vancê apuntá !...

E' vancê quem vae prêmêro
a espingarda dispará!...

Quando, aqui, dento do cano
da minha garruncha intrá
a bala que vassuncê
sôrtou prêmêro de cá,
eu quêmo fogo!... E, depois,
vanssuncê tem de levá...
(óí bem, seu generá!!...)
— im vez d'uma, duas bala: —
— a bala que me mandou,
— e a outra que eu li mandá.

O hôme ficou oiando,
taliquá maritacaca,
quando vê fogo quêmá.
Butei o chapéu de couro
e disse pró generá: —
— Quando os cabra lá da Instranja
— vinhé cum provocação,
— im cada um sertanejo,
— c'um cravinote na mão,
— o Brazí tem um sordado
— nas terra do meu sertão.

Uma noite... (era na festa
 da Virge da Cunceição!...)

Ia vê cum Dizidéro
 a ingreja da Capitá,
 qué dizê: — a Cathedrá.
 Zé Lourenço! Zé Piancó!
 Quando intrei dento da ingreja,
 prâ fazê minha oração,
 fiquei cum os óio assombrado
 e uma dô no coração!
 Vi tanto lunxo, cumade,
 a ingreja táva tão cheia
 de briante e prata e ouro,
 que eu jurguei (Deos me perdôe)
 que era alli que era o Thezouro.

Depois é que eu vi os Santo,
 e, entonce, pedi perdão!

Minh'arma, naquelle instante,
 não táva na Casa Santa!
 Táva aqui neste fundão!

O Sinhô Curcificado,
 aquelles santo dourado,
 as santa daquella ingrêja,
 o artá, todo inluminado,
 não tem, cumade, a tristeza
 d'aqui dos nosso santinho,
 do Christo tão pobrezinho
 da capella lá do monte,
 adonde eu fui báutizado.

Prá quê tanta lunxaría
 e tanta luz a briá,
 se a Santa Virge Maria,
 no meio dos animá,
 dêu á luz a Jesú Christo
 na pobreza d'um currá?!

C'um cordão abriantado,
 um manto todo azulado,
 a Virge da Cathedrá
 não tem aquella humirdade,
 aquelle óiá de piádáde,
 aquella cara bunita
 da Mãe de Christo, a Matúta.
 d'alli da peðra da gruta,

abrindo os braço prá gente,
cum o seu vestido de chita !

Dento da Casa do Fíio
de Deos, minha cumadrinha,
cada moça que passava
parecia uma rainha !

Os hôme, sem arrespeito,
sem humirdade, sem fé,
im vez de rezá prôs santo,
táva mettido nos canto,
mexêndo só cum as muié !

Se a Santa que tá no árto,
de noite fica infeitada
cum aquella luz inventada
pulas mão dos hôme incréo,
a Santinha sertaneja,
a d'aqui, da nossa ingrêja,
tem a luz dessas candêia,
que Deos accende no céo !

Quando eu sahía da Ingrêja,
 a lûa vinha nacendo,
 cumo nace no sertão !
 Entonce, óiando prá lûa,
 rezei uma ave-maria
 cum todo o meu coração !

A lûa, no céo accêza,
 é a Santa Mãe da Tristeza !

Apois, quando a lûa santa,
 cheia de amô e piádáde,
 nace alli, naquella serra,
 que Deos fez, cumo um artá,
 a gente inté tem vontade
 de cahí de juêio im terra,
 dêxando entonce a saudade,
 cum as mão cruzada, a rezá !

Agora iscute outro caso
 que se passou lá cummigo.
 Dizidéro, que foi sêmpe
 um cabra bão, um amigo,

me premetteu uns cobrinho
 prá pagá minha passage,
 prá mim vortá prá estas banda,
 prô meu sertão, prá estas varge.

Trez mez cumprido fazia
 Que eu táva ôsente d'aqui,
 lá, no Rio de Janêro.

Mas porêm era pércizo
 elle arrecebê prêmêro
 um bocado de dinhêro
 que elle tinha no Thezouro,
 que é o diabo d'uma casa
 que só tem gente veiáca.
 (Eu já disse a vancês tudo
 que o Thezouro é uma arapúca,
 onde se guarda as patáca.)

Todo dia Dizidéro
 ia lá nesse cambembe,
 onde o diabo si perdeu,
 e, cumo elle me dizia,
 já cinco anno fazia
 que táva alli percurando
 arrecebê uns cobrinho,
 uns pataco que era seu.

Prú via d'um riquirmento,
 que elle fez ha cinco anno,
 nunca vi tanto papéu !
 Aquillo tudo grudado,
 se avuásse um dia prá riba,
 cubria as nuve do céo !

Era uma casa indiabrada
 de dá fubáca na gente !

Prêmêro a gente falava
 c'um servente — o seu Tenente.

O seu Tenente mandava
 a gente prô Capitão.

O Capitão, que era um cabra
 ainda munto pió,
 mandava a nós que nós fôsse
 se intendê c'um seu Manjó.

Esse, que táva pitando
 um bão charuto, falou :

Vancês vá falá prêmêro
 c'um o fié do Directô.

O tá fié, que era preto,
 cumo o rabo dum anúm,
 disse que nós pércurásse
 seu Tenente-Coroné,
 um cara de araticúm.

Seu Tenente-Coroné
 táva tomando café.

Fez um signá prô fié,

que disse prá Dizidéro
 pécurá seu Coroné.
 Seu Coroné, afobádo,
 que táva mêmo cum cara
 de quem cum a muié brigou,
 deu um berro isparramado,
 ficou todo aburrinhado,
 e disse que o riquirmento
 táva lá cum seu Doutô !

(Eu me esqueci de dizê
 que na Côrte todo o mundo
 traz no dedo o seu ané.
 Dizidéro disse, inté,
 que de minhã viu um hôme,
 que não sabia inda lê,
 de noite sê bacharé !!
 Agora o mió, cumpade,
 é que, despois de frómado,
 o seu doutô Anicéto
 se esqueceu do que prendeu,
 ficando outra vez de nôvo,
 cumo táva : — anarphabeto !!)

Lá foi a gente, cumpade,
 prô seu Doutô, que, de longe,
 vendo a gente, arresmungou :
 «Fale ahi com esse sinhô,

«cum seu Rocha, o barytâno!»
 O Rocha, que é um cantadô,
 que tem cara de criança,
 quando acaba de chorá,
 uns óio de gavião,
 umas perna de pilão,
 e um corpo que inté parece
 um tronco de jatobá,

disse a gente que nós fôsse
 falá cum o seu Directô.

Ah, meu cumpade, que horrô!
 O criado do Directô,
 que era um Coroné tômbêm
 e táva lendo um jorná,
 sortando uma palavrada,
 virou as costa, gritando :
 «O Directô já não tá.»

Nós dois fúmo se intendê
 c'um seu doutô Vardentáro,
 que é o cabeça da istruvanca,
 onde se pága o dinhêro !
 O hôme que tá na pórtá,
 cum cara de arcuvitêro,
 disse prá nós, cum infáro : —
 «Não póde agóra falá!!...
 «Vinte muié tá assuntando

«c'um seu doutô Vardentáro!»

Despois, dizia baxinho: —

«Tem paciência, meu fío!

«Esse hôme, vendo muié,

«fica ansim cumo macaco,

«quando vê roça de mío!»

No fim de tres mez, a gente
premettêmo prá São Guino
tres grito, se os hôme achasse
o mardito riquirmento
que os doutô nunca incontrou.

Mas porê... Quá!... Meu cumpade!
Cum aquelles categoria
São Guino não tem valô.

Apois, dênde aquelle dia
seu João Branco e Dizidéro
fez prê Thezouro uma *figa*
e nunca mais lá vortou.

Leve a bréca os capitão,
os manjó e os coroné
e a trupía dos doutô.

Prá que tanto bacharé?!

Prú via disso, cumpade,
é que as muié lá da Côrte
vai virá im hôme macho
e os home, virá muié.

Quando eu saí do Thezouro,
fui falá cum o Perzidente,
— o Imperadô da Repúbriica,
que é o Sinhô de toda gente.
Ia vê se elle podia
me dá logo, sem demóra,
uma passage de graça,
prá mim pudê ví me embóra.

A casa do Perzidente,
que um hôme leva tres dia
só prá andá, prú mais que ande,
é uma casa cumo a Ingrêja,
mas porêm munto mais grande.
Quando topei lá na porta
cum um hôme todo dourado,
jurguei que era o Perzidente...
mas porêm... era um um creado!!
Hoje; aminhã; não, depois!...
Eu li digo, cum tristeza,

que levei cinco sumana
 prá falá cum sua Artêza !!...
 Inté que um dia o diabo
 da sorte me prémittiu !...

Intrei. O Dunga, assentado,
 oiôu prá mim e se riu !

Despois de me agarántí
 que eu táva mêmo servido,
 eu dei prá seu Perzidente
 um rôlo de mapinguy !

Tirei da ôrêa um cigarro
 e, pedindo prémissão,
 quêmei a pedra de fogo
 e cumecei a pitá.

Prêguntei a sua Artêza
 se não tinha no Palaço
 uma gaita ou uma viola
 prá umas tuadá cantá.

Sua Artêza, sempe rindo,
 cum munta sastifação,
 disse que viola não tínha,
 mas porêrn tinha violão.

Mandou buscá o insturmento,
 temperou e abriu o peito
 e cumeçou saluçando
 o diabo d'um alundú,
 que eu pensei, minha cumade,
 que táva uvindo nos matto

o chôro d'uma inhambú!
 Me alembrando do sertão,
 e vendo que sua Artêza
 era mêmo um hôme bão,
 eu me astrêví a fazê
 o meu úrtimo pedido,
 prá despôis me arritirá.
 — Era prá elle mandá
 inscrevê os pé de verso
 do alundú que elle cantou.—
 Quando elle disse que havéra
 de me mandá o alundú
 pulo prêmêro vapô
 que vinhêsse da Allamanha,
 agardêcí o favô,
 e sarvei o Perzidente,
 que era o seu doutô Prêçánha.

Uma sumana despois,
 cahí doente de cama.
 O cumpade do Mironga
 mandou chamá p'ra me vê
 um doutô de munta fama.
 O doutô pôz um canudo
 aquí prá riba do peito!...
 Mandou ispirrá, tussí;
 bateu cum as ponta dos dêdo

na bocca do istombo... aqui,
 e ao despois, cum munto geito,
 me preguntando se eu éra
 sortêro ou pai de famía,
 me disse que era percizo
 eu fazê minha viage
 dento de dois a trez dia,
 apois eu táva soffrendo
 d'um má, que não tinha cura,
 chamado : lerzão cardía.

Apreparada a bagage,
 abracei seu Dizidéro
 e lá do Rio partí
 prá matá minha saudade,
 e morrê, mais á vontade,
 cá nos matto onde eu naci!

Agora, que eu tô aqui,
 cum vancês tudo : a cumade,
 minha afiáda, o cumpade,
 a minha véia Bastiana
 e a famía,—a obrigação,
 posso assuntá que o doutô
 foi um hôme de rézão,
 quando me disse que eu táva
 duente do coração.

Esse doutô, que era irmão
 do seu doutô Raio X,
 sábe onde tem o nariz !!

Mas porêem vancês não chóre,
que eu tándo aqui cum vancês,
tô contente, tô feliz !

O grande má, que eu trazia
no coração, que soffria
a tá de lertzão cardía
do doutô lá da cidade,

tá curado ! Têve cura !...

Não me léva a sipertura !....

Apois a lertzão cardía

tinha outro nôme :

a Saudade..

Vocabulário

Maiada	choça : e, em outros lugares, —curral
Miunça	miúda
Candongá	maroteira
Cundurú	celebre criminoso do sertão
Impuiou	enganou
Sarambão	pelintra
Sarará	falador
Sucáro	pegáda
Candimba	especie de lebre
Isfabriçado	esfarrapado
Contra	certa dóze de cachaça
Xéta	pilheria grosseira
Taparambé	bobo
Chiqueradô	chicote
Peia—boi	especie de chicote
Rebingudo	valente
Praciana	da cidade
Capirôto	diabo
Surunganga	bonito e faceiro
Dizimbambado	destemido
Fazendo cêra	namorando
Tem pauta	tem relações com...
Pé de pato	diabo
Taquarambó	inexperiente

Róço	orgulho
Xoróca	velha disfructavel
Mapinguy	fumo de rolo
Categoria	homem de posição
Aburrinhado	espantado como um burro
Maruím	mosquito dos pantanos
Muriçóca	mosquito pernilongo
Tarambélla	que fala muito
Gangento	satisfeito
Obrigaçào	familia
Fubaca	caiporismo
Maritacáca	pequeno mammifero
S. Guino	santo, a quem o sertanejo promette acclamar o seu nome, quando acha um ob- jecto perdido

O FAZENDEIRO E O ROCEIRO

O fazendeiro Barnabé, em viagem para a Capital, de passagem pela roça, conversando ligeiramente com o seu compadre Zé Joaquim, disséra-lhe haver perdido grande quantia, promettendo-lhe tudo explicar, quando voltasse da Capital, em caminho do sertão. Terminados os seus negocios e de regresso ao sertão, vem despedir-se do compadre, em cuja casa pernoitará, para seguir viagem, de manhã. E' noite. Estamos na choça do roceiro, que vae receber Barnabé, a quem pede que lhe conte a historia do dinheiro perdido.

O FAZENDEIRO E O ROCEIRO

BARNABÉ :

— Munto bás noite, cumpade.

ZÉ JOAQUIM :

«Cumpade, muito bás noite.

BARNABÉ :

— Cumo aminhã, de minhã,
vórto prá minha Fazenda,
vim abraçá meu cumpade
e preguntá se não qué
fazê alguma incommenda
lá prá arguem daquellas matta.

ZÉ JOAQUIM :

«Não, cumpade. Só desejo
que vancê me arrecommendê
a cumade Fortunata.

E, agora, quando tu vórta
cá pula roça outra vez ?!

BARNABÉ :

— Nós támo no mez...

ZÉ JOAQUIM :

«de Março.

BARNABÉ :

— No fim do anno, talvez.

ZÉ JOAQUIM :

«Quá, cumpade!... Eu não me engano!
Tu te péga no sertão,
e só vórta aqui, na róça,
d'aqui ha dois ou tres anno.

BARNABÉ :

— Não, sinhô, praquê na Côrte
tenho uns negóço a tratá.

ZÉ JOAQUIM :

«Ah!... Cumpade!! Eu me esquecia!!!
E o caso que vancê disse
que me havéra de contá?!

BARNABÉ :

— Outra vez, quando eu vortá,

ZÉ JOAQUIM :

«O que?! Não, sinhô! Agora!
Tu já deu prá madracêro?

BARNABÉ :

— Quem faz viage perciza...

ZÉ JOAQUIM :

«de descanso. Mas porê m
eu quero sabê praquê
tu perdeu tanto dinhêro.

BARNABÉ :

— Não foi bem perdê, cumpade :
eu não te contei a históra
cumo foi que assucedeu.

ZÉ JOAQUIM :

«Apois bem : me conta agora.

BARNABÉ :

— Me dá prêmêro um cigarro
daquelle fumo gostoso
que honte á noite tu me dêu.

ZÉ JOAQUIM :

«Toma lá... Pita á vontade.

BARNABÉ :

— Agora...

ZÉ JOAQUIM :

«O que é mais, cumpade?

BARNABÉ :

— Um gole daquella nóssa !...
da branquinha !...

ZÉ JOAQUIM :

«Tôme lá.
Esta é canna cá da roça !

BARNABÉ :

— Agora farta uma coisa.

ZÉ JOAQUIM :

«Apois, fale. O que mais qué ?

BARNABÉ :

— Daquelle bão !... Do cheroso !...

ZÉ JOAQUIM :

«Rapé, cumpade ?

BARNABÉ :

— Rapé.

ZÉ JOAQUIM :

«Toma lá. Este é do bão.

BARNABÉ :

— Estas venta, Zé Joaquim,
é taliquá um fogão.
Perciza tá sempe quente,
prás indéa refervê.

ZÉ JOAQUIM :

«Se é ansim, bóta cravão.

BARNABÉ :

— Agora munta atenção!
Ha tres mez, cahiu doente...

ZÉ JOAQUIM :

«A cumade?!?!

BARNABÉ :

— Sim, sinhô.

ZÉ JOAQUIM :

«Vámo! Conta!

BARNABÉ :

— Era uma dô
que ella sentia no figo,
mas porê m arrespondendo
(Lá nella...) im riba do imbigo.
Ha dois mez que táva ansim,
e cada dia pió.
Percurei Manué Timbó,
curandêro famanado,
que me disse que ella táva
cum o figo todo impaxado.
Ha dois mez que Furtunata

tinha *assentado na quarta*,
 já depois de tantos anno
 a gente se tê casado.
 Manué Timbó mandou dá
 todos os dia tres chá
 de urtiga e de herva cidrêra
 e uma boa esfregação
 de banha de quatí macho,
 prá esquentá toda a paquêra.
 Cumo ha seis dia a doente
 já não *descia nos pé*,
 o cabôco aconsêiôu
 uma istruvanca de arruda,
 língua de boi, e umas fôia
 de pitanga e de coité.
 Mas porêm, cumo im tres dia
 não tinha cessado a dô,
 chamei o Antonio Piôiu,
 mandinguêro e benzedô...

ZÉ JOAQUIM :

«...Que é o avô da Chica Bóde...»

BARNABÉ :

— Isso mêmo, sim, sinhô!...

ZÉ JOAQUIM :

«Já sei que o cabra acertou!»

BARNABÉ :

— Não fazendo pouco caso
na sua palavra honrada,
dêxe eu falá... prú favô !

ZÉ JOAQUIM :

«Apois bem!... Peço perdão!...

BARNABÉ :

— Não tem de quê. Meu cumpade
não dêxa de tê rézão.

ZÉ JOAQUIM :

«Fala, cumpade! Eu premêtto
que não te istróvo mais, não !

BARNABÉ :

— Antonio Piôiu, esse hôme
que tem feito tanta cura,
benzeu, rezou, mas porêm
o má não arrespeitava
o diabo das benzedura!...

ZÉ JOAQUIM :

«Crédo im cruz!... Ave Maria!
Não fale tanta hirizía!!

BARNABÉ :

— Hirizía?!

ZÉ JOAQUIM :

«Apois não foi?!»

BARNABÉ :

— Tem rézão ! Deos me perdôe !

ZÉ JOAQUIM :

«Deos sempe perdôa a gente,
quando qué se arrendê.

BARNABÉ :

— Vendo que sua cumade
táva im risco de morrê
e já não tendo mais nada,
não tendo mais que fazê,
mandei chamá um doutô
que intendia dessas coisa
de doença das muié
e que eu uvía dizê
que era um grande ômpérádô.

ZÉ JOAQUIM :

«Prá quê, cumpade!... Prá quê! ?
Tu nem parece hôme véio
cum tantos anno de vida.
Pulô quê tu disse atraz,
o má da minha cumade
era espinhéla cahida !

BARNABÉ :

— Não era, não, Zé Joaquim !
A coisa era mais ruim !

ZÉ JOAQUIM :

«Ruim ?! Quá ruim ! Quá nada !...
Eu punha a muié curada
só c'um côpo d'agua inté !

BARNABÉ :

— Cum isso só ? !

ZÉ JOAQUIM :

«E cum Aquella !...»

— A Senhora das Candeia,
e a Santa Virge Maria,
que é nossa Mãe, Barnabé.

BARNABÉ :

— Era pércizo um doutô...»

ZÉ JOAQUIM :

«Prá ti !... que perdeu a fé !

BARNABÉ :

— Tu, cumpade, im meu lugá...»

ZÉ JOAQUIM :

«...Tinha curado a cumade,

pruquê inda tenho uma boca
e duas mão prá rezá!

BARNABÉ :

— Mas porêem... dêxa eu falá.

ZÉ JOAQUIM :

«Não tôu aqui prá outra coisa,
se não é prá te escutá!

BARNABÉ :

— O hôme, de munto longe,
de dez legua bem púxada,
im riba d'um *Russo Pombo*,
apareiado de prata,
veio vê a Furtunata.
O doutô, que era um frangote,
munto bem apessoado,
ânte de vê a duente,
me prêguntou cumo éra
que o má tinha cumeçado.
Não fartando cum o arrespeito,
prá um doutô, quando é frómado,
disse o que eu já tinha feito!

ZÉ JOAQUIM :

«Prá falá verdade, eu acho...

BARNABÉ :

— Não fale ! . . .

ZÉ JOAQUIM :

« Já tôu calado !

BARNABÉ :

— O doutô se poz-se rí ! ! . . .

ZÉ JOAQUIM :

« Ói lá ! ! . . . Eu logo vi ! ! . . .

Apois óia, Barnabé !

Tem um cabra aqui, na roça,
o Reimundo Jacaré,
que, sem sahi da paióça,
somentes cum as suas réza,
curava a tua muié !

BARNABÉ :

— Eu não sei lá, Zé Joaquim !

Dêxa lá seu Jacaré
e vámo chegá no fim.

Depois seu doutô me disse
que queria inzaminá.

Arrespundí : seu doutô,
quando quizé, pôde intrá.

Furtunata já sabía
que o doutô tinha chegado.

(Eu li juro, meu cumpade,
 que inté naquelle momento,
 ninguem, a não sê nós dois,
 tinha intrado alli, no quarto,
 dênde o dia de casado.)

A duente, Zé Joaquim,
 chorava cum a dô ! . . . Gemia
 de fazê pena prá gente
 vê a duente gemê !
 O doutô tirou do bôrso
 um palitinho de vidro,
 butou debaxo do braço,
 e cumeçou a batê !
 Os dedo do hôme batia
 ligêro im riba das vêia,
 cumo lingua de muié,
 falando da vida aêia !
 Depois mandou a duente
 abrí a bocca e butá
 a lingua toda prá fóra.
 Tirou do bôrso o relójo ;
 tirou do braço o vidrinho ;
 oiôu prô vidro, e, depois,
 prô relójo, vendo as hóra.
 Depois, tornando a batê,
 quando bateu n'um logá,

a sua santa cumade
 gritava que parecia
 (cum perdão do meu cumpade !)
 carro de boi, quando passa
 n'uma vareda, a guinchá.

ZÉ JOAQUIM :

«Coitadinha!... Coitadinha!...
 Se eu fôsse vancê, li juro,
 que esse cabra, esse mardicto,
 não comia mais farinha.

BARNABÉ :

— Tu tem rézão, meu amigo !
 Coitadinha!... Coitadinha !

ZÉ JOAQUIM :

«Onde móra esse canáia ! ?
 Eu percizo desse bicho
 prá levá minhas banana
 im riba d'uma cangáia !

BARNABÉ :

— Cumpade ! Não me atrapáia !
 Dêxa lá de macacáge,
 que eu tenho de acordá cedo,
 prá seguí minha viagem !

ZÉ JOAQUIM :

«Ah!... se eu gárro esse sarváge!!

BARNABÉ :

— Tu qué uví ou não qué?!

ZÉ JOAQUIM :

«Fala!... Fala, Barnabé!

BARNABÉ :

— Depois do doutô batê
no lugá que eu ja falei,
fez ansim, dando cum os hombo!

ZÉ JOAQUIM :

«Quá foi o lugá, cumpade?!

BARNABÉ :

— Um bocadinho prá báxo
do lado insquerdo do istômbo,
que o Timbó mandou isfregá
cum banha de quatí macho!

ZÉ JOAQUIM :

«Isso é munto bão prô figo...
Mas porê, cumpade, eu acho...

BARNABÉ :

— Espera lá : já te digo.

Despois do inzâme, o doutô,
sahindo entonce do quarto,
pediu agua e os mão lavou.

Levou bem uns tres minuto
calado, óiando prá mim.

Ao despois, falou ansim : —

Cumo se chama o sinhô ?

«Barnabé» li arrespundi.

«Apois bem, seu Barnabé,»

(me disse ansim o doutô. ...)

«só uma coisa, somentes,

«sarvará sua muié.»

— Apois, seu doutô : quá é ?

— Seu doutô : eu faço tudo

— que tivé nas minha mão. —

Entonce o hôme me disse :—

«Sua duente perciza

«fazê uma ômperaço.»

Quando uví essa préposta,

cahí de venta prô chão !

Ao despois de dez minuto,

o doutô me alevantou,

e entonce ansim me falou :

«Ou o sinhô manda fazê

«já e já a ômperaço,

«cumo inda ha pouco eu dizia,
 «ou a sua cumpanhêra
 «não dura mais de dois dia.
 «Eu agaranto ao sinhô
 «que nenhum perigo tem.
 «Não sei os seus pissuído ;
 «mas porêem, eu li prêmêtto
 «que não li peço um vintem.»
 Todo o má de Furtunata
 era um tumô, meu cumpade,
 que táva roendo prú dento.

ZÉ JOAQUIM :

«Cumpade!... Apára um momento!!...
 Pruquê, se tu cuntinúa,
 eu istóro!... Eu arreberto!!!
 Se um hôme póde, rezando,
 cum a ajuda d'uma oração,
 de pé descarço, pizá
 nas braza d'uma fuguera,
 cumo faz os sertanejo,
 no dia de São João!...
 Se um hôme, c'uma oração,
 póde movê os rochedo!...
 Arrancá d'uma montanha
 os troncos dos arvoredos!...
 «Andá purriba das agua
 «cumo andou Nosso Sinhô!...

Cumo é que tu não podia,
cum a fé, cum a fé verdadêra,
arrancá essa porquêra
do diabo d'un tumô?!!

BARNABÉ :

— Ora! Pula mór de Deos!
O que passou já passou.

ZÉ JOAQUIM :

«Não me fale im Deos!... Não fale!
«Não fale im Deos!... É' favô!

BARNABÉ :

— Não falo mais, não, sinhô!
É a minha históra, cumpade,
já se acabou! Tá acabada!

ZÉ JOAQUIM :

«Quá já se acabou!... Quá nada!
«Conta o resto!... Vámo lá!

BARNABÉ :

--Bão. Entonce não istróve,
que o setestrello váe árto,
e as tres hóra da minhã
eu tenho de alevantá.

ZÉ JOAQUIM :

«Confa o resto! Vámo lá!

BARNABÉ :

—Tá bão. Ainda eu me fío
na tua palavra honrada.

ZÉ JOAQUIM :

«Cala-te!... Cala-te, bocca!...
«Já tôu com a bocca fechada.

BARNABÉ :

— O doutô, que já trazia
n'um bahúzinho as ferrage...

ZÉ JOAQUIM :

«Dêxa lá de mapiage,
dêxa o raio do doutô,
que eu quero sabê, somentes,
se a cumade se sarvou.

BARNABÉ :

— O moço levou tres hora
prá fazê a ômperação!
Mas porêrn fez um trabáio
que, abáxo de Deos, cumpade,
a elle a tua cumade
deve a sua sarvação.

ZÉ JOAQUIM :

«E tu, que sois um christão,
que nunca dêxou ninguem
intrá dento do teu quarto
a não sê tu e a muié,
tu vae deixá, Barnabé,
um doutô tarampantão...

BARNABÉ :

— Entonce, seu Zé Joaquim,
eu havéra de dexá
a minha bôa muié
morrê cumo um animá?!

ZÉ JOAQUIM :

«Óia!!... Se fôsse cummigo!...

BARNABÉ :

— Espera lá!... Já te digo !
Quando eu vi que a Furtunata
já táva já sem perigo,
arriei meu *Passarinho*,
e prá casa do doutô,
que era tres legua distante,
me puz logo de caminho.
O doutô não táva im casa.
Tinha ha tres hora sahido,
prá vê a vó do Penido.

O hôme lá no sertão
 tinha tanto que fazê,
 que, prú via dos duente,
 ás vez inté, certos dia,
 se esquecia de comê.
 O sino da capellinha
 batia as ave-maria,
 quando iscutei o tropé
 d'um cavallo que na estrada
 vinha a toda disparada.
 Era elle, sim, sinhô!
 Quando me viu, se assustou,
 e entonce me préguntou :

«Cumo váe sá Furtunata ! »
 Já tá de pé, seu doutô.
 E elle : «Pruquê motivo
 eu devo a seu Barnabé
 a honra desta visita,
 que me dá munta alegria ? ! »

Puxei entonce do bôrso
 um imbrúio que eu trazia,
 e entregando prô doutô,
 disse : — Vossa Senhoria
 vae me fazê o favô
 de escutá, quéto e calado,
 tudo o que eu quero dizê !

Esse é um favô munto grande
que eu peço agora a vancê.

Pedindo entonce licença
prá me podê assentá,
eu cumecei a falá.

Ha vinte anno, seu moço,
ha vinte anno passado,
que eu — Antonio Barnabé —
cum a fé de Deos sou casado.

Levei dois mez todo intêro
prá pedí ao Zé Vaquêro
a mão daquella muié.

Quando eu ia abrí a bôcca,
eu sentia uma friage
frévêndo, aqui na graganta.

Ói, moço!... a Furtunata
não é muié!... E' uma santa!

Me casei. A vêz prêmêra
que eu dei um bêjo na mão

da Maria Furtunata,
fíquei tão invrégonhado,
que andei tres dia nas matta,
cumo um boi amucambado.

Doutra feita... Escute lá.

Táva casado ha dez anno.

Um dia, tomando banho
nas agua d'uma lagôa,
munto longe da Fazenda,
do outro lado da Tabôa,
quando vi que a Furtunata
vinha lá das Gróta Funda,
pulo meu nome a gritá.

E cumo não tinha tempo
da roupa dispindurá
dos gaio d'um piquiá,
varei pulos matto afóra,
os matto cheio de espinho,
prá me escondê, lá, distante,
prú detraz d'um tabocá.

E' ansim a inducação
que se arrecébe prú lá.

Seu doutô. Eu não sou hôme
de fortuna. Mas porêm,
faço as minha incunumia,
e vou vivendo, vivendo,
cumo Deus qué : má ou bem.

Trago aqui, neste papé,
todo, todo o meu dinhêro.
Não é paga ! Não, sinhô !
Eu sei que vancê não é
desses hôme interessêro !

Aquillo que vancê fez,
se eu fosse dono do mundo,
não pagava, seu doutô,
nem li dando o mundo intêro.

O que eu trago neste imbrúio,
chega bem prá vassuncê
vivê trez anno aforgado,
casado, viuvo ou sortêro.

Apois bem !... Munto obrigado !

No chão, aqui, ajuêiado,
cumo um grande peccadô,
eu quero bêjá seus pé !

Mas porêem... Minha muié!...
Que vancê viu!...

Seu doutô !!...
Eu li peço prú favô!!!...

Im nome de Jesú Christo!...
De Maria!... E São José!...

Já!!! Cum aquella ligerêza
que vassuncê me falava,
prá fazê a ômperação,
mande arrumá suas máca!...
Sáia d'aqui!... Vá prá longe!...
Bem longe deste sertão!...

Pruquê, se vancê não fô,
eu, cum a ponta desta faca,
li istraçáio o coração.

Vocabulario

Impaxado	ingurgitado
Assentado na quarta	dado á luz
Paquêra	intestinos, barriga
Descia nos pé	exonerava os intestinos, expel- lia os excrementos
Istruvanca	mixtura
Mandinguêro	feiticeiro
Tarampantão	que fala muito
Russo-pombo	cavallo desta cor
Mezinha	remedio caseiro
Pinhão de purga	purgante
Palitinho de vidro	thermometro
Varêda	caminho
Passarinho	cavallo espantadiço
Amucambado	escondido nos mattos
Maca	saco de couro em que se leva roupa.

A RESPOSTA DE GÉCA TATU

O cabocio Géca Tatú, tendo o mesmo nome do outro, a quem se referiu n'um dos seus discursos uma personagem de grande vulto, offendido, e julgando que todas aquellas referencias foram feitas a si, resolve vir á Capital para rebatel-as, segundo seu modo de pensar.

Ouçamos a defesa do violeiro nortista, perante o seu eminente offensor.

A RESPOSTA DE GÉCA TATU

Seu doutô!... Venho dos brêdo,
só prú móde arrespondê
toda aquella fardunçage
que vancê foi inscrêvê.

Eu não sei lê, mas porêm
o seu Padre Capellão,
que sabê lê munto bem,
lêu prá nós tudo, im trez mez,
o seu bunito sermão.

Me dissêrum, cá na Côrte,
que o seu doutô faz aquillo
de cabeça e sem trabáio!...

Vancê tem fôrgo de gato
e lingua de papagaio!

Não têje vancê jurgando
que eu sêje argum canguçú!

Não sou, não, seu Conseiêro!
Sou do Norte!... Eu sou violêro,

e vivo naquellas matta,
 cumo véve um sanhassú.
 Vassuncê já me cunhece!
 Eu sou o Géca-Tatú!!

Os hôme cá da cidade
 me agarante que o sinhô
 é o prêmêro entre os prêmêro,
 é o mais grande brasilêro,
 é o Dunga do inscriptô!...
 Mas porêem macaco véio
 não mette a mão im cumbuca
 vazia ansim, seu doutô!

Nós tudo já tá cansado
 desta vida de rocêro
 prá dá mío a tanto gallo
 que só canta no polêro.
 Meu patrão e os cumpanbêro
 só leva a falá de lêzes,
 que é uma grande trapaçada,
 imquanto nós leva a vida
 surrando as mão c'uma inxada.
 Cum toda essa mapiáge,
 vassuncê, seu senadô,

nunca um dia se alembrou
 que lá, naquellas parage,
 a gente morre de sêde
 e de fôme... sim, sinhô!
 Vassuncê só abre o bico,
 prá cantá cumo um canção,
 quando qué fazê seu ninho
 nos gáio d'uma inleição!

Vassuncê, que sabe tudo,
 é capaz de arrespondê
 quando é que se ouve nos matto
 o canto dos zabelê!?

Im que hora é que o macuco
 se-põe-se mais a piá?

E quando é que a jacutinga
 tá mió de se caçá?

Quando o urú, entre as foiage,
 sabe mais assubiá?

Quá é de todas as árve,
 a mais dêrêita e impinada?

E a que tem o páu mais duro,
 e a casca mais iñcourada?

Vancê não sabe quá é
 a madêra que é mais bôa,
 prá fazê-se uma canôa!!!

Vancê, no meio da trópa
 dos cavallo, seu doutô,
 óiando prôs animá,
 sem vê um só se movê,
 não é capaz de iscuiê
 um cavallo isquipadô !

Eu queria vê vancê,
 no meio d'uma burrada,
 somentes pulo um isturro,
 dizê, im conta ajustada,
 quantos anno, quantas manha,
 quantos fío tem um burro !

Vancê só sabes de lêzes
 que se faz cum as duas mão !...
 Mas porêem não sabe as lêzes
 da Natureza e que Deos
 fez prá nós cum o coração !

Vancê não sabe cantá
 mais mió que um curió,
 gemendo á bêra da estrada.
 Vancê não sabe inscrevê
 no papé, feito de terra,
 quando a tinta é a do suó,
 e quando a penna é uma inxada !

Se vancê não sabe disso,
 não póde me arrespondê !...

Ói aqui, seu Conseiêro !...
 Deos não fez as mão dos hôme,
 somentes prá elle inscrevê !

Vassuncê é um senadô,
 é um conseiêro, é um doutô !
 E' mais que um Imperadô !...
 E' o mais grande cirdadão !...
 Mas porêem eu lhe agaranto
 que nada disso seria
 naquellas matta bravia
 das terra do meu sertão !!
 A mizêra, seu doutô,
 tombêem a gente consola !

O orguio é que mata a gente !...
 Vancê qué sê Perzidente
 e eu só quero sê rocêro
 e tocadô de viola !

Vancê tem todo o dêrêito
 de ganhá os *cem* prú dia,
 prá mió pudê falá !!
 Mas porêem o que não póde
 é a inguinorança insurtá !

A gente, seu Conseiêro,
tá cansada de esperá !!

Vancê diz que a gente véve
cum a mão no quêxo, assentado,
sem fazê caso das coisa
que vancê diz no Senado !

E vassuncê tem rézão !
Se nós tudo é anarphabeto,
cumo é que a gente vae lê
toda aquella falação ? !

Prá dizê que dois cum dois
faz quatro, seu Conseiêro,
vancê gasta seis tintêro
e fala uma noite toda
e um dia todo intêrinho !

Vossa Incerlença parece
a cumade Ginuveva,
quando intica cum os vizinho.

Preguiçoso ? ! Madracêro ? !
Não, sinhô, seu Conseiêro ! !

E' praquê vancê não sabe
o que sêje um boiadêro

criá cum tanto cuidado,
 cum tanto amô e alegria,
 umas cabeça de gado,
 e, despois, a impedimía
 carregá tudo, cum os diabo,
 im mênô de quatro dia !

E' praquê vancê não sabe
 o trabáio disgraçado
 que um hôme tem, seu doutô,
 prá incoivará um roçado,
 e, quando o ouro do mío
 vae ficando imboncado,
 prá a gente entonce cúie,
 o mío morre de sêde,
 pulo só inturricado,
 sequinho cumo vancê.

E' praquê vancê não sabe
 quanto custa um pái soffrê,
 vendo o seu fío crescendo,
 dizendo sempe: Papái!!
 Vem me insiná o A. B. C !

Ói aqui, seu Senadó !

 Não é só questã de nôme !!

Eu só votava prá um hôme

sê Pérzidente, se o cabra
 já subésse o que era fôme!
 Eu não queria sabê
 se elle era, cumo vancê,
 —um doutô de falação.
 Abasta só que esse hôme
 fosse um burro, cumo eu,
 mas porém, um bom christão.

Se eu subésse, meu sinhô,
 inscrevê, lê e contá,
 entonce, sim, eu havéra
 de sabê cumo assuntá!

Tarvez vancês não déxasse
 os sertanejo morrendo,
 pió que fosse animá!

Prú móde a politicáia,
 vancê qué que um hôme sáia
 do sertão prá vi votá
 im Joaquim, Pedro, ou Francisco,
 quando vem sê tudo iguá!?

Preguiçoso?! Madracêro?!
 Não, sinhô!... Seu Conseiêro!

Vancê não sabe de nada !
 Vancê não sabe a corage
 que é percizo um hôme,tê
 prá corrê nas vaquejada !

Vossa Incerlença não sabe
 o valô d'um sertanejo,
 acerando uma Quêmada !

Vancê mente, sim, sinhô ! !

O cabôco brasileiro
 tem munto brío e valô !

Nós é que já tá cansado
 de trabaiá prôs doutô !

A gente não faz questã
 de levá um dia intêro
 cum a picareta na mão !
 A gente péde, somentes,
 prá vancês não se esquecê
 que nós tudo sêmo érmão !

Vancê tem um casarão !
 Tem um jardim e uma çháca ?
 Tem criado de casaca !
 E ganha, todos os dia,

s

qué chôva, qué faça só,
 só prá falá, cem mir ré !
 Eu trabáio o anno intêro,
 somentes quando Deos qué ! !
 Eu vivo da minha roça,
 me isfarfando, cumo um burro,
 prá sustentá oito fío,
 mínha mãe, minha muié !

Eu drúmo im riba d'um couro,
 n'uma casa de sapé ! !
 Vancê tem seu ôtrômóve !
 Eu, prá ví no apovoádo,
 ando dez legua de pé ! !

Neste mez amarfadado,
 prú via de não chovê,
 vi a foça do feirão
 á farta d'agua morrê ! !
 O só têve tão ardente
 lá prôs lado do sertão,
 que im mêno de quinze dia,
 perdi toda a criação ! !

A minha vacca, -- a *Férmôsa*,
 que amava cum tanto amô,
 pul'uma surucutinga
 foi mordida, sim, sinhô !

Na sumana arretrazada,
o vento tanto ventou,
que a páia, que cobre a choça,
foi pulos matto !... Avuôu !!!

Minha muié tá morrendo,
só prú farta de mêzinha,
e prú farta d'um doutô !!

Minha fía, que é bunita,
bunita, cumo uma frô,
seu doutô !!! Não sabe lê !!!
E o Juquinha, que inda tá
chêrando mêmo a cuêro
e já puntêia a violô,
se intrasse lá prá uma escola,
sabia mais que vancê !

Prá falá de tantas lêzes,
vancê viveu assuntando
nesta grande bribótéca,
mais de quarenta janêro !
Imquanto lá, no sertão,
o Antonio da Caturrita

e o Mundico Cachacêro,
garrando o braço d'um pinho,
saluça, n'um desafio,
tres noite e tres dia intêro!

E inda que prú má prêgunto,
vassuncê, que sabe munto,
diga, sem tutubiá : —

quem foi que ensinou o Antonio
e o Mundico Cachacêro
tanta coisa prá cantá?!

Eu — digo á vossa Incerlença
que isso é que é intelligença : —
o sabê, sem se estudá!!!

Preguiçoso!? Madracêro?!
Não, sinhô, seu Conseiêro!!

Vossa Incerlença não viu
um cabôco istruviado,
c'um cravinote ou garruncha,
ispantá um bataião
d'uma porção de sordado!

Vossa Incerlença parece
que não lê munto essas coisa,
ou finge que nunca lêu !

Vancês têm munto talento !!!

Mas porêm pérciza tento
cum a fome e cum o sufrimento !...

Quem lhe agarante sou eu ! !

Vancê diga aos cumpanhêro
que um cabra, -- o Zé das Cabôca,
anda cantando estes verso,
que, hoje, lá, no meu sertão,
avôa de bocca im bocca : —
«Eu prantei a minha roça !
«O tatú tudo comeu !
«Prante roça quem quizé,
«que tatú quero sê eu !»

Vassuncê sabe onde tá
os buraco adonde véve
os tatú isfomeado ?

Tá nos palácio da Côrte
dessa porção de ricaço,
que fez aquelles palácio
cum o sangue dos desgraçado !

Vossa Incerlença pérciza
dizê prôs repubricano
que é percizo tê cuidado !

Patrão !... Vassuncês tem tudo !...
Vancês tudo leva a vida
munto bem adivértida,
passeando lá de ôtrômóve
pula estrada da Avinida !!

Vancês tem rio de açude !!
Tem os doutô da Hyngiena,
que é prá cuidá da saude !!
E nós ?! Que tem ?! Arresponda !!
No tempo das inleição,
que é o tempo das bándæera,
nós só tem uma cangáia,
prá levá toda a porquêra
dos doutô politicáia !

Sinhô doutô Conseiêro !
De lêzes eu não sei nada !...
Meu Dêrêito é a minha inxada !
Meu palácio é de sapé !

Quem dá lêzes prá famía
é a minha bôa muié !
Eu sou frómado oito vez,
e sou tombêm conseiêro,
pruquê tenho oito fiinho !

Quem dá lêzes prá minh'árma
é as dez corda deste pinho !

Vancê qué sê Perzidente !
Apois sêje, meu patrão ! . . .
Nós já ficava contente
se vancês dêsse prá gente
uns restozinho de pão !

A nossa terra—o Brazí—
já tem munta intelligença !!
Muntos hôme de sabença,
que só dá prá espertaião !!!!

O que nós pede é a Piadáde !!
E' um tico de Caridade,
prá nós vivê, cumo érmão !!

Leve o diabo a falação !

Prá sarvá o mundo intêro !
abasta tê coração !

Prôs hôme de intelligença
trago cummigo esta *figa* !!

Esses hôme têm cabeça,
mas porêm o que é mais grande
do que a cabeça, é a barriga !!

Vancê, quando faz sermão,
fala munto im riligião !

Apois bem. Nosso Sinhô,
que naceu n'um prezepinho,
falava munto pouquinho,
cum clarêza e cum amô !

Elle, o Doutô dos doutô,
que era o êzêmpro da humirdade,
escuiêu prá seus apóstro,
entre os rico da cidade,
doze pobre, cumo Pedro,
que era um pobre pescadô !

E inté os pé desses hôme
o Christo um dia lavou !

Seu Conseiêro : um consêio.
Dêxe toda a bibrôtéca
dos livro, essa estupidêza,
vá estudá o Dêrêito
das lêzes, na Natureza,

vá vê cumo Deos é grande
 e cumo póde ensiná
 as coisa que um hôme sabe,
 sem sê percizo estudá !

Vancê leva nestes livro
 lendo e lendo a toda hora !
 Mas porêem eu só queria
 cunhecê, seu Conseiêro,
 o que vancê inguinóra.

E abasta ! Já vou me embora.

Si um dia vancê quizé
 passá uns dias de fome,
 de fome e talvez de sêde,
 e drumí lá n'uma rêde,
 n'uma casa de sapé,
 vá passá cummigo uns tempo
 nos matto do meu sertão,
 que eu hei de li abri as porta
 da choça e do coração.

Eu vórto prôs matagá,
 mas porêem, ouça prêmêro.

Vancê póde nos xingá,
 nos chamá de madracéro,
 praquê nós, seu Conseiêro,
 não qué mais sê bestaião.

Imquanto os hôme de riba
 dexá nós tudo mazômbo,
 e só cuidá dos istômbo,
 e só tratá de inleição,
 seu Conseiêro ha de vê,
 pitando o seu cachimbão,
 o Géca-Tatú se rindo,
 cuspindo, sempe cuspindo,
 óiando ansim prá vancê,
 cum o quêxo sempe na mão.

Eu sei que sou um animá !

Eu não sei mêmo o que eu sou !!

Mas porêem eu lhe agaranto
 que o que vancê já falou,
 e o que inda tem de falá,
 e o que inda tem de inscrevê...

 Todo, todo o seu sabê,
 e toda a sua saranha,

não vale um palavrinha
daquellas coisa bunita
que Jesús, n'uma tardinha,
disse im riba da montanha!

Vocabulário

Brêdo	matto.
Fardunçage	reunião de muitas vozes.
Canguçú	onça.
Sanhassú	passaro canoro.
Lêzês	plural de—lei.
Mapiage	algazarra.
Cancão	passaro comedor de fructas.
Zabelê	passaro, cujo canto prenuncia chuva.
Jacutinga	ave de corpo esguio.
Urú	pequeno gallinaceo côr de rapé.
Burrada	tropa de burros.
Isturro	rincho.
Curió	avinhado (passaro)
Medracêro	negligente.
Imbonecado	com espigão.
Acerar	cortar o mattagal nas queima- das, para evitar a propaga- ção do incendio.
Istruviado	destemido.
Talento	força, coragem.
Pinho	viola.
Mazombo	triste, necessitado.
Saranha	palavreado.

BRAZ MACACÃO

BRAZ MACACÃO

Apois sim : se o seu doutô,
nhô moço e seu capitão,
nhá dôna e seu coroné
e mais o patrão quizé
a minha históra iscutá,
não faço questã... E, inté,
posso agora cumeçá.

Digo a mêcê, dênde já,
que eu levei a vida intêra
pulos sertão, a viajá.
Os sertão lá do Ceará,
de Pernambuco e Bahia,
Parahyba e Maranhão,
cunhêço, cumo cunhêço
os dêdo aqui destas mão.
Mas porêrn sou naturá
d'outras terra, meu patrão.

N'um rancho todo cercado
 d'um roçadão de mandiôca,
 d'um grande mandiocá,
 eu nací im trinta e nove,
 na serra de Ibitipóca,
 que é lá prás Mina Gerá.
 Apois oitenta janéro
 carrégo aqui neste peito,
 que é um véio jiquitibá.

Meu avó, Zé Tinguassiba,
 o réis de todo os violêro,
 a mais pió tatajúba
 dos cabra de arreinação,
 foi tômbêm o mais surúba,
 o mais grande cachacêro
 que Deos butou no sertão.

Im Santa Cruz das Parmêra,
 ao dêspois d'um desafio
 c'um o João da Chica do Rio,
 morreu n'uma xumbrêguêra,
 cum a bôca n'um garrafão.

Que lá, no Rêno do Céu,
 cum Jesus e a sua graça,

Deos o tenha e não li farte
c'um garrafão de cachaça.

Meu pái, um timbú veiáco,
chamado Manué Macaco,
tinha os pé rasgado e chato
e uma cara de bugíu !
Foi o caititú mais féio
que no mundo já se víu.
Mas porêem juro a vancê,
juro pulas cinco chaga
de Christo Nosso Sinhô,
que nunca se víu no mundo
um cabra gemê nas corda
cumo meu pái, seu doutô.

Hôme séro cumo quê,
dansadô de recortado,
caxambú, catêrêté,
pimpaião que nem um gallo,
mais léve que una penêra,
foi o ladrão de cavallo
mais honrado e arrespeitado
da Serra da Mantiquêra.

Era o orgúio da família.

C'um tiro de bacamarte,
 n'um sertão lá da Bahia,
 morreu quáge cum cem anno,
 n'uma vespra de Natá,
 quando róbava um piquíra,
 o mais férmoso da tropa,
 que vinha prá Capitá.
 Dando um bêjo no piquíra,
 dêu de ispóra no bichinho,
 que azulou pulos caminho,
 no avôo d'um isquipádo,
 indo cahí munto longe,
 c'um o peito despedaçado,
 no pé d'um barbatimão,
 e uma medáia de sangue
 purriba do coração.

Que Deos o tenha no Céu,
 prú muntos anno, a seu lado,
 e São Jorge tome tento
 cum seu cavallo, senão,
 tá no fundão... tá róbádo.

Vim prê mundo cum esta cara,
 cum este carão de môno,
 pruguê a Chica das Coivara,
 a minha mãe, meu patrão,

foi a mais fêia das cara
que o tinhoso do capêta
mandou aqui prá este mundo,
que róda cumo um pinhão,
adonde eu fui bautizado
cum o nome de Macacão.

Se Deus não me désse o dão
de violêro afamanado,
e se não fôsse as muié,
eu já me tinha inforcado,
seu coroné, seu doutô.

Mas porêem... (Deos me perdôe !...)
Tenho a viola e a graganta
que tanto e tanto cantou!
Este peito,—este pulêro,—
adonde, vendo uma franga,
d'aqui ou lá do sertão,
inda bate as aza e canta
um gallo véio e fulêro,
que se chama coração.

Se não fôsse o gallo véio,
— o coração — já se vê,
eu não teria matado
um hôme, no fim da vida,

que é essa a rézão da históra,
que eu vou contá prá vancé.

Rio Preto, Catinguêra,
Azulão, Pedro Japy,
José Maria, Aruêra,
Bêra d'Agua, Benteví,
Sarvina, Chica Barróza,
Turbana, muié do diacho,
cantadêra que não tinha
arrecêio de hôme macho. . .
Jêrôme Junquêro, um cabra,
cantadô cheio de brio,
que im São José das Piranha
morreu de repentemente,
cantando n'um disáfio. . .
Esses violêro de fama,
que no Norte eu cunhecí,
tinha sobrôço, nhô môço,
do meu *pinho* vencedô,
que dos meu tataravô
c'um orgúio arrêcibí.

Cum perdão de quem me ouve !
Vendô um pedaço de sáia
dansando n'um miudinho,

meu coração, coitadinho,
 firido, arrastando as aza,
 chiava dento do peito,
 taliquá cumo castanha,
 quando se botá nas braza.

(Cala a bôcca, Macacão !
 Cuntinúa a tua históra !...
 Dêxa de sé bobaião !...)
 Ói aqui, seu capitão : —
 me faça agora esta conta
 certinha... cum pefeição !
 — Violêro dênde os quinze anno,
 e de sete em sete dia,
 tendo uma nova paxão,
 cum sessenta e seis inverno,
 diga vossa Sinhoria :
 quantas paxão eu já tinha
 no bahú do coração ? !
 Apois seu Braz Macacão
 cum essa bagage pezada
 de tanta dô incruada
 dos amô que tinha tido
 pulas cabôca indiabrada
 dos matto do seu sertão,
 um dia deu de viage
 prá banda de Pernambuco,
 cum esta viola assanhada,
 prá se batê cum as viola

daquelles cabra do Norte,
que têm fama de chorão.

A rézão dessa fugida
da minha terra querida,
foi prá vê se era possíve
me esquecê nas outras terra
de tanta paxão que eu tive
na terra onde fui nacido.

Véio já, pensei, nhá dôna,
que, percurando outras banda,
nunca mais soffresse as magua
que prú via das cabôca
eu ja tinha padecido !

Sem desfazê nos presente,
— inda táva prá nacê
o diabo d'uma cabôca
que me quizesse querê !
Apois bem. Ói vancê.

Tinha sessenta e seis anno
quando cheguei no Arricife,
c'uma saudade damnada
daquellas Mina Gerá !

Vancê sabe que a saudade,
que faz a gente pená,
é cumo a lûa, que sempe
vai acumpanhando a gente
prá toda a parte onde vá.

N'um sertão de Pernambuco,
 lá, im Pajehú de Frô,
 eu vi a Xixí da Gróta,
 a figa d'uma morêna,
 buniça cumo os amô.

(Dêvo dizê a mêcê
 que ánte de vê a Xixí,
 já tinha andado maluco
 prú tres ou quatro bichinha
 que eu vi lá prá aquellas banda
 dos sertão de Pernambuco.)

Eu vi a Xixí da Gróta
 no rancho d'um violêro
 chamado : — Zé do Assucêgo.
 Ai !... Seu doutô !... Que rabicho !...
 Ai !... Nhá dôna !... Que chamêgo !

Eu logo bispei que a bicha
 táva cum os óio perdido
 pulo Pedro Cumaé.
 O Cumaé era um bóde
 perrêngue e todo barrido,
 que, sambando, paricía
 que tinha musga nos pé.

Prá dizê cumo era linda
 a Xixizinha da Gróta,
 seu doutô!... Fárta a palavra!...
 Eu nunca mais vi, n'um samba,
 uma cabôca marvada
 sambá, cumo ella sambava.

Eu me alembro do vestido
 cum que ella táva vestida.

(Destas coisinha da vida
 a gente nunca se isquêce.)

Nhá dôna, o vestido della
 tinha a cô das fôia verde
 das árve, quando amanhece..
 A fita dos seus cabello
 era amaréla, amaréla,
 cumo as fulô do argudão.
 E a fulô que ella trazía
 na cóva do cabeção,
 era da cô da tristeza
 do coração dos duente,
 que sóffre do coração.
 As chinéla, as chinélinha..
 era, sem tirá nem pô,

mimosa e piquinininha,
 dois ôvo de bêja-frô.
 O lenço, o lencinho della,
 seguro no cós da sáia,
 era mais branco e arrendado
 que a renda do lenço d'agua,
 que a onda estende na práia.
 Tudo nella era mimoso !...
 Era lindo e incantadô !
 O nariz era um biquinho
 tão bem feito e ingraçadinho,
 cumo o da *fôgo-pagou*.
 Tinha a carinha redonda,
 que nem que fôsse uma bóla.
 O corpo, ansim tão bem feito,
 cum as cadêra arredondada,
 parícia uma vióla.

Xinguei tanto esta viola,
 cantei toda aquella noite,
 esta tuada saudosa
 prá cabôquinha iscutá,
 que fiquei cum o céo da bôcca
 duendo só de cantá.

CANTO

«Xixí da Gróta!...
 Eu já me perdi!...
 Já tôu perdido
 prú ti, Xixí!!
 Xixí da Gróta!...
 pruquê eu te vi,
 se tu não gosta de mim,
 Xixí!!

Eu sonhava esta noite
 que a lûa naceu,
 e depois n'um suspiro,
 entre as nuve morreu!
 O capim mais mimoso
 o veado comeu!
 Oh!...
 O veado comeu!...

CÔRO

O capim mais mimoso
 o veado comeu!

CANTO

Xixí da Gróta!...

Eu já me perdi!...

Já tôu perdido

prú ti, Xixí!...

Xixí da Gróta!...

Pruqué eu te vi,
si tu não gosta de mim,

Xixí!?

Eu sonhei que eu sonhava
de um dia sê teu!...

E minh'arma assubindo
prô céo... se perdeu!...

O capim mais mimoso
o veado comeu!...

Oh!...

O veado comeu!...

CÔRO

O capim mais mimoso
o veado comeu!»

Cantei tanto esta tuada
que o coração me duêu!

Mas porêem... Quá, meu patrão !
 Era o Pedro Cumaé
 o réis do seu coração.

Cumo violêro e cantô,
 o hôme podia sê,
 quando munto... um piriquito.
 Mas porêem... prá quê mintí? !
 Era um cabôco buníto!!

Seu capitão arrepare
 no que agora eu vou dizê :—
 Vassuncê, que é fêio e véio,
 tempêre as corda d'um *pinho*,
 tóque e cante a noite intêra,
 que vancê logo ha de vê
 que as muié fêia é que iscúta,
 apois as muié férmoza
 nem faz caso de vancê.
 Só as fêia, as muié fêia,
 é que aprêcêia estas coisa
 de cantoria, patrão.
 Seu coroné : é um phenômico,
 que ninguem sabe a rézão.

Xixí da Gróta sambou,
 toda a noite sapatiou,

e nem uma vez, sómentes,
nem uma véz só me ôiôu.

Quando o samba se acabou,
e eu ía me arritirando,
ella disse ansim, baxinho,
lá prô Pedro sarambê :—
«Crédo im Cruz ! Vái-te, Capêta,
«que elle é fêio cumo quê !»

Pegando a minha viola,
me atirei pulas istrada.

Limpa e azú. a madrugada
vinha brotando, facêra.

Na sombra das capuêra,
dando bom dia prô dia,
cunversava as juruty.

Prêta, cumo uma penúge
cahida d'aza da noite,
uma graúna cantava
nos gaio d'um tamburí.

Pulos canto da graúna,
jurei, jurei, sem temô,
que nunca mais eu haverá
de sê mêganha do Amô.

Butei cêbo nas canéla
 naquelle dia, patrão,
 e lá me fui prô Ceará,
 cum a bagage mais pezada
 no bahú do coração.

Nos verde lá do Ceará,
 eu ví munta tentação,
 munta, munta férmuzura,
 mas porê m logo alembrava
 da graúna que cantava,
 quando eu fiz aquella jura !

Mas porê m . . . Ói o peccado ! !
 O ispríto do coração,
 que anda sempe atrapaiádo,
 é um cabra discôrônhado,
 que eu não conheço, nhôr, não.

E' farso cumo um ladrão !

Vêje lá, seu coroné:
 Um dia, im Baturité,
 fiquei outra vez chumbado ! . . .
 Andei de canto chorado
 pulos óio arrenegado,
 os óio d'outra muié,

que eu vi lá n'um casamento
d'um tá de Pedro Pinhé.

A cearense era uma fía
lá de Quixêramubim.

Era o dia... o dia... de...
Nosso Sinhô do Bomfim.

Prú mando de seu Pinhé,
prá festa fui convidado
pulo um cabra famanado,
chamado — Juca Cumbúca,
um tocadô de viola,
namorado da cabôca,
que se chamava : — Inhatúca.

O cabra disfabriçado
me foi dizendo na cara
que prá um grande desafio
eu táva disafiado.

Sim, Sinhô ! Mina Gerá
ia brigá cum o Ceará.

No dia do casamento,
e tômbêm do desafio,
o Cumbúca, inda cedinho,

cum o tuím todo incebádo,
 cantando pulos caminho,
 passou pulo meu ranchinho,
 cheio de róço e cum o *pinho*
 nos seus braço alevantado.
 Cheguei na porta do rancho,
 e c'uma sárva de páрма
 arrécibí meu rivá,
 que foi siguindo e cantando,
 inté n'um capão de matto
 o seu vurto se apagá.

Na hora que no sertão
 o aribú triste da noite
 istende prú toda a terra
 as aza, cô de arcatrão,
 tirei um são na viola
 e lá me fui caminhando
 prá festa do seu Pinhé,
 nestas corda puntiando.

Vassuncê qué me iscutá
 o canto que ia cantando?
 Ora, entonce, iscute lá.

CÔRO

«Que será
 se as muié me dexá?»

CANTO

Que será de ti, meu peito,
 que saluçando ficou,
 dênde que a Xixí da Gróta
 treidôra me abandonou ! !

CÔRO

Que será,
 se as muié me dexá ! !

CANTO

Que será de ti, viola,
 tu, que já tanto chorou,
 se eu te abandoná, viola,
 cumo ella me abandonou ? !

CÔRO

Que será,
 se as muié me dexá ? !

CANTO

Que será de ti, minh'arma,
 se eu dexá de sê quem sou ? !

Que será de ti, saudade ? !
 Que será de minha dô ? !

CÔRO

Que será,
 se uma muié me amá ? ! »

Quando cheguei na portêra,
 o sinhô Juca Cumbúca
 já táva im pé me isperando,
 cum as barba de bóde macho.
 Ante de intrá na tronquêra,
 lavei os pé no riacho,
 no capinzá inxuguei,
 a mão do cabra apertei,
 e quando na chóça intrei,
 cum a vióla toda catita,
 toda rosada de fita,
 n'uma tuada bunita,
 o noivo e a noiva sarvei.

CANTO

«Sarve os dôno desta casa,
 sarve o seu Pedro Pinhé !...
 Sarve o noivo e os pái da noiva,
 que tem nôme de Isabé.

Sarve todo os cunvidado,
 que véio aqui prá forgá.
 Sarve o grande violêro,
 João Cumbúca, meu rivá !
 Deos estêje nesta casa
 prá nós tudo abençua. »

Antonio Burro, um tropêro,
 me dando n'uma canéca
 tres dêdo daquella aguinha
 dos verde canaviá,
 arrepiu lá cum os outro :
 — Prá nós túdo abençua.

Entonce peguei no pinho,
 e fui intrando, a cantá.

CÔRO

« Êh !... Bambêra !... Êh !... Bambará !... »

CANTO

Meu coração tá sambando,
 cumo um cravão a quêmá !
 Quando a lûa vem nacendo,
 tômbêm samba o parmitá !

CÔRO

Êh Bambêra!... Êh Bambará!...

CANTO

Óia a luz das estrellinha,
lá no céo tudo a briá!
E' o Sinhô que tá sambando,
e as estrella—a puêra a avuá!

CÔRO

Êh!... Bambêra!... Êh!... Bambará!...»

As caboquinha iscundía
as carinha prá se rí!...

Vancê já sábe o que era!!

— Era esta cara de môno,

— meu carão de sucurí!

Agora o que eu mais sentí
foi quando vi meu rivá,
que era um cabrócha bunito,
cummigo se adivirtí.

Mas porê... dexêmo lá,
que quem tem bôcca é prá rí.

Pedro Pinhé, um cafuzo,
cum uma cô de porco assádo,
táva todo invrégonhado,
c'um camisaõ de riscado,
bruza e carça de argudão.
A noiva, que era bunita,
táva assentada do ládo,
derrengada, cum um vestido,
do mió madapôlão.

Prú vía de tá carçado,
dênde a minhã, seu Pinhé
prá pudê sambá c'um a noiva,
tirou as bota dos pé.

O casamento, nhá dôna,
tinha gente cumo terra!...
Nunca vi tanta muié!!!
E cada quá, meu patrão,
de fazê um hôme santo
andá de fuça prô chão.

A cafúia do rocêro,
que era um cabra surumbamba,
táva cheia dos vizinho,
dos hôme e mais das muié

que vinhêro de dez legua,
prá dá de perna no samba.

A Verdiana, a Quininha,
a Imbê Corôa, a Chiquinha,
a imã da noiva, uma onça
chamada Maria Rita...
Seu capitão!... Seu doutô!...
Nhô moço!... Seu coroné!...
Quanta cabôca buita!
Prá se sambá toda a noite
tinha inté muié de sóbra!!
Nhá dôna!... a Maria Rita
era muié que, sambando,
ficava chêrando a cobra!
Mas porêm a férmuzura,
a dôna daquela festa,
era Ella!!... Era a Inhatúca,
que andava tirando linha
cum o tá de Juca Cumbúca.
Eu juro prú Santo Antonio!
Quando avistei o demonio
da Inhatúca, aquella frô,
c'um tiro dos óio della,
o juramento, nhá dôna,
cahíu morto, e dispenado,
cumo um tiê-sangue istrépado
cum o tiro d'um caçadô.

Outro chamêgo damnado!...

Outra paxão seu doutô!

Inhatúca era fermosa
 prá dá cabo d'um christão!
 Arta, arisca, quando andava,
 vassuncê via uma êma,
 andando pulo sertão.

A bôcca, rasgada e rôxa,
 quando abría prá falá,
 já não parícia bôcca!...

Parícia, toda aberta,
 a chaga de Jesú Christo
 na frô do maracujá!

Se derramava no samba,
 cumo a fulô da canéla
 se abrindo dento dos ramo,
 e cum os cabelo pintiado,
 cumo a corôa amarella
 do peito dos gaturamo!

Cum a camizinha mimosa,
 a sáia sarapintada
 d'umas ramáge de rosa
 e cum os cabelo cahido,

quando sambava, ispaiava
 um ôrôma de gêma de ôvo,
 um chêro de panno novo,
 uma catinga chêrôsa
 da chita do seu vestido !

Ai, nhá dôna !.. Ai, nhá dôninha !..
 Vassuncê não sabe, não !...
 Só quem sabe é meu patrão !...
 — Um chêro de chita nova
 é uma coisa dos diabo,
 que faz má prê coração !

Árta noite, quando o gallo,
 lá nas matta saluçou,
 meu rivá se alevantou,
 e eu tômbêm me alevantei.
 Elle a viola temperou ;
 eu a viola temperei :
 n'um banco elle se assentou ;
 eu n'um bahú me assentei.
 Foi elle quem cumeçou ;
 eu cum a arresposta isperei.
 Foi ansim que elle cantou.

CANTO

JUCA CUMBUCA

- Tempéra a tua viola,
- que a minha já temperei !
- Eu devo cantá prêmêro,
- praquê te disafei.

MACACÃO

- « Eu venho de duas legua,
- « prú viá do teu chamado.
- « Vim cumprí as tuas órde,
- « que eu fui sempe bem criado..

CUMBUCA

- Tu vêio de duas legua,
- caminhando sempe a pé ! ! . . .
- Tu já tá vêio e cansado ! . . .
- Descansa, se tu quizé.

MACACÃO

- « Sessenta e sete já tenho,
- « mas porêem eu te agaranto
- « que, se una muié mandasse,
- « eu caminhava outro tanto.

CUMBUCA

- Já fico te cunhecendo,
- cumo um véio proziadô.
- Eu nunca fui caminhêro :
- sou violêro e cantadô.

MACACÃO

- « Se sou véio e tenho próza,
- « não vim aqui prá prózá !
- « Abre o peito e sórta os verso
- « e vâmo as conta ajustá.
- « Não sou d'aqui destas terra !
- « Sou lá das Mina Gerá !..

CUMBUCA

- Eu nunca te pedí nada,
- pr'agora tú ví cobrá !... .
- Se as conta é feita cum os verso,
- tu tem munto que pagá.
- Eu já te disse, cabôco,
- que eu sou fío do Ceará !

MACACÃO

- «Tudo o que eu perdê te pago !
- «Vamo lá !... Dêxa de chôro !

«Na cabeça eu trago munto
«dinhêro, se o verso é ouro.

CUMBUCA

— Dêxa de próza, Minêro,
— váe cantá c'uns aribú,
— que eu não vou cantá cum hôme
— fêio e véio, cumo tu!

MACACÃO

«Que tem a phiziúlústría
«cum a nossa impruvisação?!
«O fêio véve na cara!...
«E o verso, no coração!

CUMBUCA

— Quem é que vê, sem tê pena,
— um gallo véio brigando
— c'um galloróte que agora
— os dois ferrão vem botando?

MACACÃO

«Tu tá falando a verdade!...
«Tu não tá mentindo, não!...

«Tu tem crista de frangote!...

«Cuidado cum os esporão!...

CUMBUCA

— Se a briga é só cum as viola,

— do esporão não me arrecêio.

— Cum um frango canta outro frango :

— c'um gallo véio, —outro véio.

MACACÃO

«Quando é musgo, um gallo musgo,

«imquanto a voz não perdê,

«só c'um outro gallo musgo

«é que póde se batê!

CUMBUCA

— Tú póde insurtá, Minêro,

— que hôme véio eu não dizânco.

— Eu tenho os cabello preto!...

— Tu só tem cabello branco!...

MACACÃO

«Qué dizê que essa cabeça

«não tem luz prá inluminá!...

«E a minha ficou tão branca
 «que inté parece o lúá!

CUMBUCA

— A véice é cumo a lúá,
 — que tem a luz munto fria!
 — E a mocidade, Minêro,
 — é a luz do só, que é do dia.

MACACÃO

— Seu bobaião!... Me arresponda:
 — quando o só cumeça a ardê?!
 — E' quáge á bocca da noite,
 — quando não tarda a morrê!!

CUMBUCA

— O coração é a viola
 — do peito dos violêro!...
 — E o teu coração, cabôco,
 — tem quáge oitenta janêro!

MACACÃO

«Tem quáge oitenta janêro
 «e tá quente, cumo o só!

«A viola, quando tá véia,
«é quando fica mió.

CUMBUCA

— Cabôco!... Dêxa de próza!...
— Dêxa de próza, Minêro!...
— Eu sei que o teu coração
— é um gallo véio e banzêro!...

MACACÃO

«Mas porêm, vendo um franga,
«bate as aza no polêro!...
«Canta cumo um gallo novo,
«vendo um outro no terrêro.

COMBUCA

— Tu tá perdendo o teu tempo,
— e as muié já qué sambá!
— Nhatúca é uma frô bunita,
— que não é prá tu chêrá!

MACACÃO

«Sei que Inhatúca é uma rosa!...
«Sei que tu é um bêja-frô!...

«Sei que eu sou um pássô véio!!!
 «Um sabiá cantadô!!
 «E a frô só guarda, serena,
 «a doçura do seu mé
 «prô pássô rico de penna,
 «prô bêja-frô, tão galante,
 «que é pobre, cumo um briante,
 «e é um burro, cumo tu é!»

No fim deste pé de verso,
 sortando uma gargaiada,
 o violêro, o seu Cumbuca,
 que era pobre de cabeça,
 mas porém, rico de perna,
 lá foi sambá c'um Inhatúca.

Mangando da minha cara,
 cutucando uma nas outra,
 de mim se ría as muiê!
 Só duas, seu coroné,
 duas muié, munto fêia,
 parece que não se ríu.

A móde que um pingo d'agua
 inté dos óio cahú!!

O samba istórou e, entonce,
 intrando naquella hora
 uma porção de violêro
 acumpanhando um gaitêro,
 cumeçou tudo a tocá.

Não tinha mais que esperá !

Proveitei a barafunda
 daquella intrada dos musgo,
 prá pudé me arritirá.

Quando já táva lá fóra,
 e, pula aberta dos matto,
 eu ví a rosa Inhatúca
 cum o bêja-frô a sambá,
 sintí ansim cumo um ingúio
 prá querê me safóca.

Pulas fôia do ispinhêro
 que vinha aos pouco se abrindo,
 podía logo se vê
 que a minhã não táva longe...
 Não tardava a amanhecê.

No minguaute, áquella hora,
 no cacurúto da serra,

um fiapinho da lũa,
 munto fininho... fininho,
 nacía como uma fôia
 d'arguma rosa amarella,
 que vêio se disfoiando
 lá do céo, pulos caminho!!...

Pulo prêmêro suspiro
 que a lũa dáva prôs matto
 daquella serra, a nacê,
 suppriqueei a Deos, de juêio,
 que eu ficasse cégo, cégo,
 se eu dêxásse mais um dia
 uma muié me vencê !
 Na tarde daquelle dia
 dei cummigo de viage
 prás terra da Parahyba...
 lá prôs sertão... já se vê.
 Mas porê... já tôu cansado
 de falá, seu capitão.

Peço agora prémissão
 prá vassuncês me esperá
 um tiquinho, imquanto eu vou
 c'um trago de manduréba
 os grugumío móiá,
 prá depois, cum mais corage,
 entonce cuntinuá.

II

No dia de Santo Antonio
eu cheguei na Parahyba,
que é a terra dos coquerá.

Quanta morena xirúba,
que inté os óio da gente
duía de tanto óiá,
eu vi im Çampina Grande,
Itabaiana e Pombá !

Sindóca !! Lulú !... Frôzinha !...

Pul'essas tres cabrochinha
o coração andou mêmô
n'um disispêro imbeizado !
Mas porê, patrão !... Cum Deos
nem prú brinquedo se brinca,
que o juramento é sagrado !
Patrão !... Meu Patrão !... A gente !...

Sem querê !... Um dia !... Sente !...

E' a tal históra, patrão !...

Deos do céo é munto bão !...

Vêje só!!... N'uma treição ...
n'um instantinho... n'um momento,
o amô varando este peito,
deu cabo do juramento
e iscurraçou a rézão !!

Agora, diga, arresponda :—
que curpa eu tenho, patrão ?!

Perto de Campina Grande,
foi que eu vi essa cabôca,
que tinha o nome de Isbélla !

Não foi Deos quem me cegou !...

Foi ella, patrão !... Foi ella !!

A Isbélla, o diacho moreno,
já passava dos cincoenta
bem puxado, sim, sinhô !!
Já tinha os cabello branco,
cumo a frô da laranjêra !...
Mas porêm era sôrtêra !...
sortêra, sim, seu doutô !..

Essa matintapêrêra
só o Capêta é que inventou !

Era um dia de foncção,
um bautizado, na casa
do Chico da Encarnação.

As muié, no copiá,
paricia um frumiguêro,
que a chuva vem assanhá !
Quando uma se desmanchava,
no côco, a redôpiá,
a lûa no céu parava,
e lá do céu atirava
suas rosa de lûá !

Meu patrão !... Eu pintiava
os cabello da viola,
cum tanto carinho e amô,
e a cabôca nem me óiáva,
nem falava, nem sambava !...
Táva triste !... Sempe triste !...
Sempe triste, sim, sinhô !!

Vassuncê qué vê, nhá dona,
um quebranto arrenegado,
que mata e que não têm cura !?
E' um hómem criá chamêgo

pul'uma muié madura,
que um dia foi tão férmosa,
que inté as garra do tempo
arrespeita a férmuzura.

Sube despôis, seu doutô,
que ella amava um cangacêro,
que se foi d'aquellas terra
e nunca mais la vortou.

A cabeça toda branca,
prá banda do coração
cumo uma frô discaíndo,
paricía, ansim tão branca,
a frô da noite se abrindo !

A cara, cheia das ruga
dos anno, que não perdôa,
parecia uma lagôa,
quando o ventinho da tarde,
cum a frô das agua brincando,
passa pula frô das agua
e as agua váe inrugando.

Nhá dôna, a cabôça Isbélla
tinha a péle tão chêrôsa,
que paricía a mangaba

já passada de madura,
que é quando tá mais gostosa !

Quando falava, nhô moço,
cantava, ansim como canta
de tarde chamando chuva,
lá nos matto os zabelê !

E a bôcca e a bôcca, nhá dona,
que paricia um suspiro,
que táva sempe a gemê,
era cumo aquelle bêjo
da noite bêjando a ôrora,
quando amanhêce a chovê.

Os dois óio da serrana
era duas rosa murcha,
que depois de munto tempo
a gente encontra no fundo
d'um bahú, cumo guardou,
mas porêem arrecendendo
um chêro sêco de morte,
que talvez sêje inda um sonho
da mocidade da frô.

Já vinha nacendo o día,
quando, triste, ella sahía
da festa prá casa della !
Era triste, mas porêm
toda alegria da festa
era a tristeza de Isbélla !!
Sahiu sozinha ! Eu, sozinho,
lá me fui pulos caminho,
derramando na viôla
esta tuada, atraz della !

CANTO

«Teu rasto chêra,
cumo um gáio de alicrim !
Tu é facêra !...
Tu qué dá cabo de mim !...

Tu é mimosa,
cabôca, meu bem !
Frô mais chêrosa
no mundo não tem !...
Vem ! Amachúca !... Amachúca,
no chão,
meu coração !

Eu sou juruty perdida,
 gemendo de amô,
 cá no meu sertão !!
 Minh'arma ficou firída,
 pruguê tu firíu
 este meu coração !

Chora a viola,
 cumo chora a rabaçã,
 quando consola
 a tristeza da minhã !

Tu é mimosa,
 cabôca, meu bem !
 Frô mais chêrosa
 no mundo não tem !...
 Vem ! Amachúca !... Amachúca,
 no chão,
 meu coração ! »

Eu só dêxei de cantá,
 quando ella im casa chegou !

A casa onde ella morava,
 dava a gente uma alembança
 d'um brinquedo de criança.

N'uma bibóca da serra,
 bêjada pulo um regato,
 paricia aquella casa
 um frô feita de terra,
 sonhando dento dos matto.

Passando as mão pulas trança
 da cabellêra de páia
 do ranchinho de sapê,
 um assoprozinho da aráge
 cantava pulas foiáge,
 cumo um sacy-sêrêrê.

Isbélla, abrindo a portinha
 daquella casa pequena,
 se assumiu destes meus óio,
 cumo, de longe, um adeus,
 sacudindo as suas pena.

Ai, véia dos meus peccado !
 Garrei de novo o insturmento,
 varejei pula portêra,
 e, n'uma pedra assentado,
 debaxo das aza verde
 d'uma jaboticabêra,
 disfoiêi toda a minh'arma
 neste acalanto maguado.

CANTO

«Cumo tão férmosa e linda
 a minhã vem a rompê !
 Abre a jinella da choça !...
 Vem um adeus me dizê ?...
 Cumo tão férmosa e linda
 a minhã vem a rompê !

N'uma minhã, tão cherosa,
 cum os passarinho a brincá,
 cumo é gostoso uma bôcca
 cum sentimento bejá !
 N'uma minhã tão férmosa,
 cum os passarinho a cantá.»

No fim deste pé de verso,
 ella chegando a jinella,
 vrêmeia, cumo uma rosa,
 disse ansim :—Que cara feia
 n'uma minhã tão férmosa !!!

Na ingreja daquelles matto,
 naquella minhã chorosa,
 não jurei, praquê eu sabía
 não sê percizo jurá !

Era a úrtima muié
que me fazia pená !
Nem Deos, nem mêmo o Tinhoso,
me fazia neste mundo
outra vez me achamegá !

Setenta e nove janêro
carregava eu neste peito,
que é um véio jiquitibá.

Na noite daquelle dia,
eu dêxei Campina Grande,
e prôs sertão da Bahia
intrei logo a viajá.

Seu doutô, quantos chamêgo,
quantas paxão de arrilía
pulas cabôca dengosa
de Sergipe, Isprító Santo,
e essa terra da aligria,
essa mulata sestrosa,
que é a sua terra : a Bahia.

Seu coroné : minha históra
nunca mais acabaria.

Abasta só li contá
a paixão mais desgraçada,

que me fez soffrê, patrão,
dez anno n'uma prizão.

Fazia duas sumana
que este seu Braz Macacão
tinha chegado do Norte
das viage lá dos sertão.
Quando se deu este caso,
ja táva im Mina Gerá,
na minha terra, patrão.

Magine que esta cabeça
já táva toda isfiápada
de fiapo de argudão !

Agora, iscute vancê.

Foi n'um dia de Sant'Anna,
na chôça d'um caçadó
chamado :—Manué Praquê.

Rébéca, fráuta, pandêro,
crarinêta, violão,
um bandão de cavaquinho,
uma porção de violêro,
um ófiscríde, um gaitêro,
que era um cabra mêmo bão ;

caxambú, samba do Norte,
miúdinho, catêretê,
nada fartava na festa
do caçadô—seu Praquê.

Outro amô!... E, o que é pió,
outro amô discunxavado!...

Mas porê... quem o curpado?!

Deos!... Só Deos, seu capitão!

Cumo Deos, sendo tão bão,
faz uma cabeça branca
prá servi de mangação?!

Eu li digo, sem sobrôço,
a rézão, seu coroné:—
é praque Deos morreu moço,
munto moço e munto louro,
cum os cabello cô de ouro,
sem amá nma muié!

Pulas chave que São Pedro
traz infiada nas mão,
eu juro que não quebrava
o júramento sagrado,

se Deos não tivesse feito,
aqui, dento deste peito,
esta viola de carne,
que se chama coração.

Um hôme, cum oitenta anno,
que tem a viola incordoada,
sem uma corda quebrada,
cumo o seu Braz Macacão,
póde jurá toda a vida,
prú tudo que elle quizé,
que o dôno dessa viola
não é Deos nem o Capêta!
E' o diabo da muié!!!

Naquelle catêretê,
me istripei n'um desafio
cum o cantadô mais falado
do Morro da Cataláia,
que é lá no Estado do Rio.
Esse cabra adoradô
da fermuzura, cumo eu,
se chamava—Zé Xôfreu!

Sintindo agora outro amô,
e vendo, seu capitão,
que eu táva discunjurado,
perdido sem sarvação,

me garrei cum a Mãe de Christo,
 cum a Santa Virge Maria,
 cumo se fosse um murcêgo !
 Quando entra rabo de saia,
 não se pede a Jesú Christo,
 que andou aqui neste mundo,
 sem te sintido um chamêgo !!

Ói !... A `virge perdoôu !

E eu li juro, sim, sinhô,
 que esse perdão não ispanta !

Im vez de Santa Maria,
 o nôme della era ansim,
 meu patrão : Maria Santa !

Zé Xofreu tinha vinte anno
 e eu tinha setenta e nóve !
 Agora, prá cumpará
 a viola delle cum a minha,
 era cumo uma andorinha,
 cantando cum um sabiá !

Era férmoso e impenado,
 mas porê, im tres minuto,
 despois de abrí a graganta,
 dizendo uns verso abobado,

eu disse um verso baxinho,
 mas porêem, tão acertado,
 que o mafião tarambêla,
 dexando a viola do lado,
 fugiu, disavregonhado.
 e lá foi sambá cum ella!

- Os musgo entonce gritando :—
 «Fóra !... Fóra o trapantão !...»
 introu tocando a rebéca,
 o crarinêta, o ófiscride,
 a fráuta, a gaita sapéca,
 im louvô do Macacão !

As muié não tinha uvído
 aquelle verso, patrão !

No meio de tantas cara,
 não tinha uma cara feia!...
 Vancê me entende!... Apois não !

Agora, cum os réco-réco,
 a gaita, a fráuta, as viola,
 e os cavaquinho pachóla,
 roláva o catêretê !!

Maria Santa, que ainda
 não tinha dezáseis anno,
 corrupiava e sambava,
 que mecê nem póde crê !

Não era ainda gallinha !...
 Já não era mais pintinha !...
 Era !... Era !... Seu doutô !...
 (Cum perdão de quem me ouve !...)
 era uma franga, que táva
 já se aninhando prá pô !

Quando eu vi aquelles óio,
 não sei dizê, não, sinhô,
 se o que eu sentia aqui dento
 era friage ou calô !!
 Apois, dento deste peito,
 o coração, a batê,
 táva ansim cumo uma estrella,
 quando tem febre, a tremê.

Dento daquelles dois óio,
 qué vancê creia, qué não,
 cantava todos os páso,
 que tem no Norte e que canta
 nas matta do meu sertão.

Nhô moço!... Seu capitão!...
 A dô mais grande, a desgraça
 da dô de todas as dô,
 é um véio criá chamêgo
 pul'uma cabrochazinha,
 cumo essa Maria Santa,
 que a minh'árma escravizou!

Nhá dôna!... A Maria Santa
 de tudo era o—*ai Jesus!*
 C'um vestidinho incarnado
 e os braço abérto prôs lado,
 taliquá feita uma cruz,
 ia sambando e dêxando
 no lugá que ella passava,
 — um chêro quente de fôgo
 — e um gôsto fresco de luz.

Nhá dôna, aquelles cabêllo,
 que tinha tanta frêscura,
 era mais preto, nhá dôna,
 que o fundo das sipertura!

Vassuncê não via a bocca!
 Apois, naquelle lugá,
 Só se vía, noite e dia,
 uma coivára a quêmá!

E ella ía!... ía!... ía!...
 E, quando já se assumía!...
 Quando, longe, se perdía,
 lá, no terrêro, a sambá,
 parecia que a cabôca
 era ansim cumo um suspiro
 que sáe do peito da gente,
 e vae-se embóra a avuá!...

Entonce, rasguei o peito,
 e cumecei a cantá.

CANTO

«Bocca de estrellã,
 que Deos fez só prá briá!...
 Arma de rosa,
 que tem rosa inté no óiá!

CÔRO

Uê!... Uô!... Uê!... Uá!...
 Arma de rosa,
 que tem rosa inté no óiá!

CANTO

Bocca vřemêia, cumo as penna do tiê!...
 Nariz de frô!... Coração de Caxinguelê!...

CÔRO

Úá!... Úô!... Úá!... Úê!...
 Bocca vřemêia, cumo as penna do tiê!

CANTO

Corpo de abêia, cum dois pé de arapuí!...
 Papo de rola, quando come inté fartá!...

CÔRO

Úê!... Úô!... Úê!... Úá!...
 Óiá de onça e coração de sabiá».

O Zé Xôfrêu, inciumado,
 cum os óio disbugaiádo,
 passou as mão no tupéte
 dos cabello pixãim;
 pegou no *pinho* e, do lado,
 cumeçou cantando ansim: —

CANTO

«Violêro bão é o violêro
 «da Fazenda!
 Quando o patrão tá im casa,
 o violêro tá na venda.»

O cabra teve uma sarva
 de páрма das caboquinha,
 e dos hôme dansadô!
 Maria Santa arrancou
 a frô que tinha no peito,
 e deu prô cabra a fulô.

Os musgo entonce gritando:
 «Macacão! Eh! Macacão!...
 «Sustenta agora o motivo!...
 «Segura esse mafião!...»
 Eu, entonce, arrespondí:—

CANTO

«Violêro bão é o que só sabe dansá,
 — e se vai mettê na venda,
 — prá mió se incachaçá.»

Agora, sim, meu patrão!
 O Zé Xôfrêu, incobrado,

cum os óio dispipocádo,
puxou de dento do couro
a *cala bôcca* ispeiáda,
prá me dá uma figada !

Vendo a morte alli, presente,
eu fiz prô bicho uma figa,
e dando um pulo prá frente,
mittí-lhe o caxêrenguêgue
na paquíêra da barriga !

Matei o cabra, seu môço,
pulo acaso !... Sem querê !...

Matei um hôme, nhá dona,
prú vía de quê ? De quê ?!

Do mardito gallo véio,
cum perdão de vassuncê !!

Andei tres mez iscundido
nos côvôado das serra,
nas gróta iscura, nas terra
de dento dos capuerão,

Anté que um dia fui prezo
 pulos gafôna, os méganha,
 prá sê trancado dez anno
 na inháca d'uma prizão.

Peço agora prémissão
 prá não falá nesse tempo
 que eu tive lá na prizão.

Isso já não tem valô!...

Seu doutô faça de conta
 que dez anno já passou!

Faça de conta, outra vez,
 que eu, honte, de minhãzinha,
 depois da pena cumprida,
 me alibertei do xadrez.

Lá do xadrez, da bibóca,
 regressei prá minha terra,
 a serra de Ibitipóca.

Ai! Depois de tantos anno,
 eu ia matá, nhô moço,

- a afobação da saudade
de vê aquelles caminho,
cumo o cavallo, viajando,
cum tres dia de seccura,
mata a sêde na frescura
das agua d'um riachinho.

Tinha dexádo a viola
cum o Chico Tinguá, o pái
do Zé Coró—meu cumpade.
Prá falá toda a verdade,
seu coroné, meu cumpade
me oiôu, e não cunheceu !

Vêje cumo vortei eu !!!

Despois de muntos abraço,
eu perguntei :—Quéde o Chico ?—
Cumpáde disse : «Morreu !»
— E a Sarafina ? A Caxíga ?—
«Sarafina tá casada !
«A outra morreu prá móde
«d'um nó que deu na barriga !»
— Joaquim dos Santo inda véve ?
— Que é feito de Zé Mundipra ?—
«Joaquim dos Santo morreu

«de coisa feita; e o outro
«morreu prá via da ezípra.»

Nisto, chegando o *Rapozão*,
véio, trôpo e já sem dente,
que nem um cão parícia,
eu ingulí as prégunta
que prô cumpade fazia.

Cumpade entonce me vendo
que eu táva triste, falou :
«Tu hoje qué hí n'um samba,
«onde tem munta muié,
«im casa do Chico Frô?»
— Vai buscá minha viola —
arrespondi prô cumpade,
cumo quem nada escutou.

Muié!!? Muié!? Seu doutô!...
Isso é lá cum o coração!...
Elle é quem sabe essas coisa
e la se entende cum a dô.
Quando o cumpade vortou
cum a viola toda cinzada
de pó e teia de aranha,

sintí uma dô tamanha,
 que inté nem posso ixpricá.
 Chico Tinguá me istranhava!
 Nunca me víu eu chorá!

Naquelles tempo, nhá dona,
 cum as corda daquelle *pinho*,
 e os grugumío moiando
 de vez im quando no succo
 dos verde canaviá,
 discunjuntei munto cabra
 dos sertão da Parahyba,
 de Pernambuco e Ceará!

De minhã, minha viola,
 alegre e passarinhêra,
 cantava que paricía
 essa cabôca facêra
 dos matto:—a *Maria é dia*.
 Se era de tarde, fingía
 a sabiá laranjêra
 que chóra uma tarde intêra,
 gemendo, que mette dó!
 Agora, á bocca da noite,
 quando o *só* se adispidía,
 nhá dona, as corda gimía,
 cumo a inhambú chororó!

Mas porém, naquellas noite,
 cumo só tem minha terra,
 quando a lũa, lá na serra,
 chêrando a muié nacía,
 não sei se as corda cantava,
 se chorava ou saluçava,
 prunque, patrão, a viola,
 vendo a lũa... indoidicía!

Prá matá tanta saudade,
 de juêio, naquella hora,
 eu dei um bejo na bocca
 da viola, seu capitão!
 O dia vinha morrendo
 im todo aquelle sertão!

Lá, prás banda adonde o *só*
 merguiôu, quêmando o incenso
 das nuve branca do céu,
 na úrtima Ave-Maria,
 parece que aquelles monte,
 ansim, de pé, cumo táva,
 ispiava, óiando arguem,
 arguem que os monte isperava,
 e áquella hora não via!!

Sempe a muié, meu patrão !

Apois, quem era a muié,
que im riba daquelle monte
tão férmosa apparícia ! ?

Era morena e parece
que táva um pouco inciúmada,
pruque trimía . . . trimía !

Quem era, patrão, quem era ? !

Não sabe ? — A Estrella da tarde,
que munto longe nacia !

Ha tanto tempo que o céu
do meu sertão não me via !

Naquella noite o iscampado
lá do céu do meu sertão
ficou, de todos os lado,
todo crivado, crivado
de tanta inluminação,
que eu li juro, meu patrão,

pula minha sarvação,
que dênde que eu me intendi,
um ceo tão inluminado,
tão estrellado, estrellado,
cumo aquelle, eu nunca vi!!!

Tinha tanta, tanta estrella,
tanta pontinha de véla
lá no céo, todo accendido,
que eu pensei, naquella noite,
que aquillo tudo era o interro
de Deos, que tinha morrido!

Apois foi naquella noite
que eu me arritirei prá sempe
das terra do meu sertão!

E aqui findou toda a históra
do grande Braz Macacão.

Se eu hoje ficasse cégo,
eu li dizia, patrão,
um a um, todos os nome
dos sertão prá donde andei,
só pulo chêro das árve,

pulas conversa dos pássos,
 que tanta vez iscutei.
 Pulo toque dos violêro,
 triste, alegre ou gemedô,
 eu dizia o nome todo
 do violêro ou cantadô.

Se eu bejásse agora mêmo
 uma só daquellas bocca,
 depois do bejo, eu dizia
 todo o nome da caboca.

E pulo bejo chêroso,
 eu haverá de dizê,
 cum os dois óio bem tapado,
 o dia, a hora e os matto
 prú donde ella tinha andado!

Sempe a muié!... A muié!...

Vancê sabe que essa bicha
 não dêxa o diabo d'um hôme
 neste mundo assucégá!...
 Ella!... A muié, seu doutô,
 é taliquá cumo o só,
 que vae seguindo cum a gente
 prá toda parte onde vá.

Meu patrão!... Seu coroné!...
 Nhá dona!... Seu capitão!...
 Nhô moço!... E mais seu doutô!...
 Vassuncês diga o que é
 um coração de hôme véio,
 que quanto mais véio fica,
 mais aprecêia a muié!

Vassuncês ri?! Falo séro.

O coração do home véio
 é um burro véio trotando,
 d'aqui, dalli trupicando
 na derradêra viage,
 que faz lá prô çumitéro,
 comendo pulos caminho
 uns resto secco de espinho
 que vae topando no chão,
 bebendo uns pingo de orvão
 dos óio—as duas cacimba
 da fonte do coração!...

Im riba d'uma cangáia,
 duas muié carregando
 cum o pezo todo da idade:
 uma, já morta: a Esperança,
 outrá, inda viva: a Saudade!...

Inté cahí cum a Esperança
e o cadáve da Saudade
e os fruto podre dos anno
que elle leva nos jacá,
 prá arrecebê, afiná,
 o bejo de amô da bocca
 da namorada dos véio,
que toda magua allivía,
que toda a pena consola . . .
A Morte, patrão, a Morte!!
 Essa cabôca fié!!
Muda! . . . Surda! . . . Cega e fria!
 Que, ao despois de uma viola,
 é a mais mió das muié . . .

Vocabulário

Tatajuba	planta urticácea
Arreinação	arrelia
Surúba	valentão
Xumbreguêra	bebedeira
Timbú	animal feio e mal cheiroso
Caititú	porco selvagem
Recortado, caxambú, cate- retê	danças
Pimpaião	galante
Piquira	cavallo pequeno e de raça
Barbatimão	arvore leguminosa.
Capêta	diabo
Perrêngue	teimoso, desordeiro
Fogo-pagou	pequena jury, que, cantando, diz essas duas palavras
Reis	rei
Sarambê	parvo
Meganha	soldado
Tuím e pixáim	cabello de preto
Róço	orgulho
Tronquêra	cancellá
Sucurí	cobra venenosa
Derrengada	esparramada
Madapolão	morim
Cafúia	choça

Tirando linha	namorando
Banzêro	moleirão, estúpido
Phiziulustria	physionomia
Xirúba	faceiro
Matintaperêra	ave que canta á noite
Sacy-sererê	ave, cujo canto imita o seu nome
Tinhoso	diabo
Mafião	cobarde
Trapantão	muito falador
Caxinguelê	animal roedor
Arapuá	abelha grande
Calá-bocca	faca
Caxêrenguêngue	faquinha
Cavado	cóva, buraco
Capoerão	matta
Gafonha	soldado
Inháca	máu cheiro
Ezipra	erysipela
Pabóla	mentiroso

ASSOMBRAMENTOS

ASSOMBRAÇÕES

Não se ria, meu patrão !
Im dia de sexta-fêra,
não se deve andá de noite
nos matto lá do sertão.
Apois, n'uma sexta-fêra,
eu sahí cum o Zé Texêra,
um cabôco amarellão
e a cuja muié do dito,
prá sambá, n'uma fonção,
im casa do Piriquito.

A casa ficava longe !

A noite táva mais preta
que um carôço de feijão.

Quando nós ia quebrando
o matto arto da estrada,
nós uvímo um assubío,
prás banda da incruziada.

Era elle !... Eu já sabia !...

Ninguem ansim assubía
pulos matto, áquellas hora !

Era elle, meu patrão !
Era o isprito do cabôco,
que a gente chama : *Caipóra* !
Mas porêm o Zé 'Texêra,
que só queria sambá,
jurava pulos dois óio
que aquillo tudo era o vento
nas fôia dos mattagá.

De repente, a gente isbárria
c'um mardito caititú !

O diacho do cabôquinho
tinha uns óio inda mais preto
do que o rabo do aribú.

O *Caipóra*, meu patrão,
que é o mais grande caçadô,
não é máo !... E' munto bão !

Se elle arrecebe um favô
do caçadô do sertão,
não háy caça mais que escape
do tiro do caçadô !

Agora, se o que elle péde,
o caçadô não li dá,

póde atirá, cumo quêra,
que nunca mais caçará.

Apois bem. O cabôquinho
pediu fumo prô Texêra,
e despois, fogo prá mim!

Eu, que táva apreparado,
abrindo o meu patuá,
dei logo prô renegado
um rôlo de mapinguim.

Quando accendeu o cachimbo,
distampou n'uma risada,
e lá se foi na carrêra,
prás banda da incruziada.

Se eu não tivesse trazido
fumo e fogo prá accendê,
elle fazia na gente
tanta cóska, tanta cóska,
inté a gente, se rindo
de tanta cóska,—morrê.

Nós inda uvía o assubío
do *Caipóra*, do Tinhoso,
que lá prá longe se foi,
quando, do matto tampado,
sahiu um bicho, afobado,
urrando que nem um boi !!

O animá, de quatro pé,
passou prú perto da gente,
n'uma carrêra inferná!

Os berro que elle berrava,
inté fazia os cabelo
prá riba se arripiá!

Eu já sabia, patrão,
o que era aquillo!... Apois, não!

Vancê não ria, patrão!!

Era uma *Mula de Pade*!...
Era o isprito da muié...
da Chica!... A minha cumade,
que as boccas lá do sertão
dizia que tinha sido,
im vida (Deos me perdõe!!)
— a muié do Capellão!!!

Era a cumade virada
n'uma *Mula sem Cabeça*,
que vinha pinoteando,
sartando, corcoveando,
no meio dos babatão!

Cruz im crédo, meu sinhô!

Eu fiz o *pulo-siná*
e rezei uma oração!!

E o diabo da árma penada
lá se foi, dando patada
e urrando, dizimbéstada,
de arreventá os purmão!...

Não se ria, meu patrão!!
Não se ria, praque a históra
não chegou inda no cabo!

A noite de sexta-fêra
é uma noite dos diabo!!
Escute agora, seu moço!
A gente fumo seguindo
pulos caminho móiádo!...

A casa do Piriquito
táva longe inda um bocado.

Eu sentia cá nos bófe
esse frio de pavô,
que toda as arma penada
vâe dêxando onde passou.

Eu sempe discunfiei
do Texêra—o amarellão!
O cabôco era amarello,
cumo a fulô do argudão.

E era certo o que eu pensava
cum o sêso do coração.

Vancê tá rindo, patrão?!

Vancê ri, pruque não sabe
que coisa é uma assombraçãõ.

Ói!... A gente travessava
uma pequena pinguêla,
prá seguí pula varêda
do *Buraco da Panêla*,

quando o Texêra aparou,
e ansim prá uós dois falou:
«Vancês espera um momento,
«que eu vou aqui... Vórto já.»

E introu no brêdo e se-pôz-se,
cumo um cavallo, a ispôjá.

Nú im pêlo, o Zé Texêra,
o raio do curibóca,
se ispaivava pula terra,
taliquá gallinha chóca!!

Despois, rompendo dos matto,
fuçando de quatro pé,
metteu os dente, inraivado,
na sáia azú da muié!

Ao despois, dando um gemído,
 dizimbéstou pulos matto, °
 que inté os matto assustou!

Foi correndo ! . . . Foi correndo ! . . .
 Inté que n'uma baxada
 n'um cacimbão se afundou !

Eu não sabia, patrão,
 que o hôme que tem a cô
 cumo gente que não come,
 vira sempe Lubizôme.

Eu só sei que lá prás tanta,
 cum um lúá munto bunito,
 quando o samba táva quente
 im casa do Piriquito,
 o diabo dó impalamado
 chegou na festa ispantado,
 óiando e rindo prá gente,
 trazendo uns fiapo de panno
 da saia azú da muié
 garrado ainda nos dente !

Quando a Maria Naváia
 tirou elle prá dansá,
 o cabra, a se ganziá,

pulando como biscáia,
que não se dêxa amuntá,
passando perto d'um hôme
cum os cabello assaranhado
e uns carrapicho ispetado
na furquíia dos bigode,
sempe a sambá, a sambá,
 ia sortando atraz delle
 uma murrinha de bóde,
 que foi um *Deos nos acuda*,
 de todo o mundo ispirrá.

Vancê póde rí, seu moço,
não crendo no que eu li digo,
jurgando que é brincadêra.

 Eu é que não sou mais burro
 de andá no meio dos matto,
 im noite de sexta-fêra.

Vocabulario

Caipóra	ente phantastico
Caititú	mammifero pachyderme
Patuá	bolsa
Mapinguim	fumo de rolo
Tinhoso	o diabo
Tampado	fechado
Afobado	anciado
Mula Sem Cabeça	alma de uma mulher transformada nesse monstro
Babatão	fogo fátuo
Sêso	juizo, presentimento
Pinguéla	páu, servindo de ponte
Brêdo	matto
Curibóca	mestiço
Desincantado	homem outra vez como era
Cacimbão	buraco fundo n'um despenhadeiro
Carrapicho	espinho de varias plantas
Assaranhado	embaraçado
Ganziá	mover-se como o ganzá, quando é tocado

A JUSTIÇA DO CRIME

O criminoso, prezo ha dois dias, em pleno sertão, é apresentado á auctoridade, a quem vae falar, explicando a razão dos seus dois ultimos assassinatos.

A JUSTIÇA DO CRIME

Seu doutô : fui prezo ant'honte,
lá perto do Serradão.
Tenho aqui no cravinóte
onze risco, mas porêm
não sou criminoso, não.

Fui prezo pulos sordado
prú via d'uma treição.
Saberá Vossa SInhoria,
o sinhô doutô Juiz,
que cada risquinho deste
é uma morte que eu já fiz.
Eu li juro que estas mão
nunca fez fogo prú um hôme,
sem motivo e sem rézão.

Seu doutô : das outras nóve
não paga a pena falá.
Abasta só li contá
a rézão de toda a históra

das duas últimas morte,
prá vancê pudê jurgá.

Seu coroné Chico Inaço,
que era um véio sortêrão,
me mandou chamá um dia,
prá mim dá cabo d'um moço,
o fio d'um fazendêro,
prú nome : doutô Janjão.

Se eu fizesse esse trabaio,
Seu Inaço, o coroné,
dava prá mim cem mír ré !!

Prú arrecebê os patacô,
eu tinha de li trazê
uma orêia do veiáco.

Prêmêro (era o meu costume)
eu preguntei, cum arrespeito,
que é que o moço tinha feito.

Seu Chico Inaço porvou
que Seu Janjão, o doutô,
tinha róbado a Tumaza,
que era uma cria de casa,
munto moça e boazinha ;
e, depois d'uns mixirico,
prú vía lá... d'umas coisa,
tinha matado a bichinha.

Ao despois de tã certeza
 que o caso era verdadêro,
 fui assuntá lá cum o moço,
 — o fío do fazendêro.

Tive sorte. Eu me isbarrei,
 cara a cara cum o canaia,
 muntado n'uma biscaia.

O lugá era o mió
 pra se fazê o trabaío.

Mais depressa do que um raio,
 peguei na camba do freio,
 e disse : — seu moço, desça!...
 — Senão, leva já dois tiro
 — no còvôado da cabeça. —

Seu Janjão, que cunheceu
 o cabra que li falava,
 tremendo, disapiava!

Quando eu li disse a rézão
 praque eu ia li matá,
 o moço cahiu de juêio
 e cumeçou a chorá.

Ao despois de cunfessá
 que elle tinha feito tudo
 que o Coroné me contou,
 tremendo, me preguntou
 se eu li podia fazé
 um outro grande favô...
 pagando bem... já se vê.

— Vancê diga — arrespondi
 e o bacamarte iscundi.

Entonce o doutô me disse
 que o seu Chico, o coroné,
 tinha róbado a muié
 d'um vaquêro da Fazenda,
 que era um hôme tão honrado,
 que, no fim de quatro dia,
 ja tinha sido interrado.

Me contou que munta gente
 do lugá sabia disso ;
 que a cabôca do vaquêro
 prú vía d'uma *doença*,
 tinha levado um sumiço...

E que elle, im lugá de cem,
 dava duzentos mir ré,
 pra matá seu coroné.

— Apois, sim ! — disse prá moço.

Elle tirou da cartêra
o papé verde e pintado,
dizendo munto incruado :
«Toma lá !... Isso é prá tu
«dá um tiro bem na bocca
«daquelle cabra safado.»

— Vancê têje sem cuidado
— que o hôme, im dois ou tres dia,
— vae atraz de vassuncê.

— Minha palavra tá fíxe,
— mais do que o preto no branco
— de quem prendeu a inscrevê.

— O negóço tá fechado !...
— Pode morré discansado ! —

Mas porê, quando o mocinho
já ia, sem me intendê,
fazendo infúca cum o corpo,
prá amuntá todo lampinho,
e pula istrada corrê,
eu tirei o bacamarte,
e disse : — vancê não segue,
pruque tombê, vae morre !

Pum! . . . Cum um tiro bem certêro,
butei o bicho no chão!

Cortei bem rente uma orêia! . . .
Imbruiei! . . . E guardei dento
cá do borso do gibão.

Ante de eu hí percurá
seu coroné, quiz sabê
se era mentira ou verdade
aquellas coisa que o moço
disse, ante de morrê.

Era verdade, patrão,
o que disse o seu Janjão!

Fui tê cum o seu Chico Inaço,
e disse: — Seu coroné,
— tá aqui a orêia do hôme! —
E elle, rindo, disse: «Tome! . . .»
E me deu os cem mir ré!!!

Quando elle ia dando as costa,
sastifeito e impanturrado,
eu garrei no braço delle,
e disse: — Sêu Chico Inaço! . . .

— Vancê tombêm tá curpado !
 — O moço me contou tudo,
 — tudo, tudo, pulo intêro,
 — aquillo que vassuncê
 — fez com a muié do vaquêro !

— O crime de vassucês
 — foi prá via de muié !

— Seu coroné me pagou
 — prá dá cabo do mocinho,
 — do seu Janjão, cem mir ré.
 — E o moço, cum curpa iguá,
 — mas porêem mais liberá,
 — me deu mais ! . . . Me deu duzento,
 — prá matá seu coroné . . . —

Puxando o *bocca-de-sino*,
 eu, que fui um bom Juiz,
 e vancê chama assasino,
 dei um tiro tão férmoso,
 tão macio e tão gostoso,
 que o coroné isvisgou
 e alli quétinho ficou !

Apois bem. Se o seu doutô
não me jurga um criminoso,
aperte aqui nestas mão !

Se me jurga um assassino,
me mande já prá prizão,
que é só ansim, meu sinhô,
que nós intende a Justicia
lá prás banda do sertão.

Vocabulário

Biscaia	egua
Trabaio	o trato, a morte
Camba do freio	o freio
Bacamarte	revolver de cano largo e curto
Papé verde e pintado	o dinheiro, a nota de duzentos mil reis
Incruado	feroz, cruel
Preto no branco	a tinta no papel
Lampinho	galante
Fazer infúca	fazer tentativa
Gibão	veste de couro
Bocca de sino	revolver
Invisgar	cahir para o lado

A MUSICA DO MORTO

A MUSICA DO MORTO

Eu vinha do sertão e era o meu guia
um caboclo de gestos altaneiros,
que, segundo elle proprio me dizia,
era a flor dos mais celebres gaiteiros.

Ao passo dos cavallos madraceiros,
a historia passional me referia
do seu mestre de canto e de harmonia,
que foi sempre o primeiro entre os primeiros.

O gaiteiro, o seu mestre bem amado,
tinha sido atrozmente desprezado
pela mulher mais linda do sertão.

Fazia muito tempo que murrêra,
e a gaita divinal emmudecêra,
como emmudece a voz de um coração.

II

Era uma noite astral de primavera !
Noite aromal, de rustica pureza,

e tão cheia de luz que se dissêra
que era a Festa Natal da Natureza.

A serra em que eu nasci, lá, bem distante,
se sumia tão meiga e tão veloz !
No caminhar, pausado mas constante,
nós fugiamos della e ella, de nós !

Ao sol do meu sertão, que a terra incrúa,
já tinha dito adeus, no fim do dia !
Mas o sol, que se foi, deixou-me a lua,
que é o sol argenteo da Melancholia.

O caboclo falava do seu mestre,
sem guardar um momento, um só, de treguas,
e entre o verdor do mattagal sylvestre
nós já tínhamos feito bem seis leguas.

De repente, avistei á luz nevada
do clarão do luar, suave e ethereo,
os braços de uma cruz, meio inclinada,
como o emblema feral d'um cemiterio.

Saltando para o chão, rapidamente,
com a mão esquerda as redeas segurando,

com a direita, n'um gesto reverente,
o caboclo me disse, a cruz mostrando: —

«Patrão! Pequena pauza permitti!
«Não vos molestareis, certo, commigo!...
«N'um grabato de terra dorme alli
«meu grande mestre!... o meu saudoso amigo!

«Era um bello rapaz! Era um portento!
«Pois que ninguem, ninguem melhor sabia
«tirar, como elle, um som neste instrumento,
«com mais amor, mais arte e melodia.

«Não passo por aqui, sem que, primeiro,
«soluce, nesta gaita dolorida,
«este canto de amor, o derradeiro,
«que elle fez p'ra mulher, que amou na vida.»

E a gaita dedilhando, alli, de bruços,
gemeu, com tanta magua, que é de crer
que o finado, escutando os seus soluços,
despertasse e chorasse de prazer!

Porque a voz do instrumento apaixonado
de longe para nós repercutia,
como se o morto, o mestre idolatrado
respondesse da campa em que dormia.

E a galope partimos pela estrada !
 mas, no deserto da amplidão sonora,
 por muito tempo, ainda, ouvi, maguada,
 a voz da gaita, pela noite a fóra.

.....

A lua, em que o sertão todo se espélha,
 tramontava no albor da extrema-uncção,
 como tramonta uma saudade velha
 no horizonte sem fim do coração.

(*Offertorio*)

Minh'alma, que por ti soluça e chóra
 o fel de um pranto ardente e delirante,
 inda agora repete, a todo o instante,
 estes versos que eu vou dizer-te agora.

— Aquella voz monótona e chorona
 da gaita do gaiteiro, dolorida,
 era tal qual essa outra voz sentida
 do humano coração, que é uma sanfona,
 e vive, — quando o Amor, triste, o abandona,
 quando a Esperança morre, emmurchecida,
 proseguindo o seu longo itinerario,
 no deserto do peito, solitario,
 — a sanfonar a musica da vida.

NOTA DO EDITOR

Seria difficil citar ou resumir todos os criticos, escriptores ou jornalistas que se referiram a Catullo Cearense, a proposito do seu livro anterior *Meu Sertão*. Castro Menezes, João Ribeiro, Amoroso Lima, Bastos Tigre, Gustavo Barroso, Luiz da Camara, Irineu Malagueta, Gomes Ribeiro, Agostinho de Campos, Barboza Lima Sobrinho... escreveram artigos que são premios e dão renome. De alguns outros, tão illustres como estes, ficam aqui recordados alguns trechos :

*
**

... «as paginas bravias desse genial Catullo Cearense, o primeiro homeride do sertão brasileiro»...

... «o livro de Catulo, éclogas dum Virgilio caboclo, ressumantes, saborosas, doiradas e selvagens como os frutos bravos da floresta»...

JULIO DANTAS — *Correio da Manhã*, artigo *Trovas brasileiras*, de 13 de abril de 1919.

*
**

«Ha um poeta no Brasil, cujo genio ou é analysado num volume ou cabe numa affirmativa. Esse poeta é Catullo da Paixão Cearense. Se estudarmos a belleza original de sua poesia, com facilidade o ligamos aos poetas cyclicos da Idade Média, se quizermos pesquisar as razões das raças formadoras dessas poesias, apoiados em comparações, só podemos encontrar tanta candura, tanta virtude de exactidão, tão profunda e aligera espontaneidade nos antigos poetas da India e modernamente no rude Mistral.

Ninguém mais perde o tempo em fazer critica. A poesia é no Brasil uma das faces da pretensão das pequenas intelligencias sem poesia no esforço laborioso da perfeição metrica. Louvar longamente um poeta, comparando-o aos tropeiros do *Romance da Rosa* e aos lyricos que compuzeram o *Ramayana* e *Sakuntala*, poderia, afinal, parecer um pedantismo erudito, a ancia de se pedestalizar na popularidade de um genio rustico. D'ahi, talvez, em vez do volume, uma phrase. E a phrase só pôde ser esta :

— O mysterio da alma de uma raça desabrochando em belleza.

Por isso mesmo quem não tentará com o volume de poemas sertanejos de Catullo Cearense descobrir os segredos mil dessa expressão da natureza, desse maravilhamento que produz maravilhas ?

Eu desejaria, entretanto, dizer bem as razões do enebriamento que a poesia do vate sertanejo em mim produz. E sinto que não são apenas as imagens imprevistas, o sopro lyrico, a sinceridade matinal das narrativas, a espantosa e quasi inedita justeza das comparações, mas sim a marca da verdade. Sente-se que cada linha é uma evocação, cada figura a saudade de um ser real, cada estrophe o sertão animado — o sertão em que, sob o amor da natureza, brotam e desabrocham as almas ingenuas.»

JOÃO DO RIO (PAULO BARRETO) *O Paiz*, artigo *O Poeta do Sertão*, 28 de dezembro de 1918.

*
**

Catullo Cearense é o derradeiro ipê dourado a resistir impavido aos lenhadores ferozes do paiz antigo e tradicional.

ASSIS CHATEAUBRIAND — *Correio da Manhã*

*
**

«O livro de Catullo da Paixão Cearense toca-me, commove-me, ás vezes faz-me pensar. Não ouvirei nunca sem estremecimento, sem arripios de emoção, certos trechos da *Vaqueijada* ou da *Terra Cahida*. Em meio de tantos poetas, mais rhetoricos talvez do que poetas, que enriquecem, senão pela qualidade, ao menos, pela quantidade, a nossa literatura, eis um que tem alguma coisa a dizer, e que a diz vivamente, fortemente.»

«Os seus versos são expontaneos e faceis ; a abundancia das imagens, a vivacidade da expressão, a emoção interior fazem de Catullo um verdadeiro poeta.»

«Os poemas do *Meu Sertão* enlevam-me. O *Lenhador*, a *Vaqueijada*, a *Terra Cahida* são pequenas obras-primas, que valem

por alguns annos de adaptações francezas. Não me lembro, salvo em Castro Alves, de tamanha riqueza de imagens.»

«Os versos de Catullo... Fiz commigo mesmo uma experiencia psychologica. Depois de treze annos de exilio, treze annos de romances francezes, de parnasianismo, de impressionismo critico, de Bourget, Heredia, Anatole e Lemaitre, e quando mal fechava as tragedias de Racine, no renovado encanto deste mundo tão nobre, tão medido e tão harmonioso de Versailles, que é a maior saudade do meu espirito, li o *Meu Sertão*. Fui até o fim. Revivi os annos, que já me parecem longinquos da infancia e da adolescencia, vibrei, commovi-me. Nada mais preciso para convencer-me de que este poeta, de inspiração ingenua e de lingua barbara, é para mim um formoso poeta...»

JOSÉ MARIA BELLO — *Correio da Manhã*.

* * *

«... tudo o que se lê em «*Meu Sertão*», é pura phantasia e, si não fosse phantasia, não era obra de arte. A alma de Catullo é que nos canta ali e é por isso que o admiramos a elle. As imagens são de invenção d'elle, mas sabemos que os caipiras são mui capazes de as ter assim bellissimas, por vezes maravilhosas. Ainda ha pouco, ouvi das mais originaes na bocca de um carreiro analphabeto, o celebre Sabino Grajaú, de Alagoas.

«*Meu Sertão*», não é o sertanejo photographado; é o sertão no que tem de poetico, simples e selvagem, comprehendido, sentido, evocado pela alma de um seu filho que se educou no Rio. E' uma saudade posta em verso; saudade que se deleita em ir pintando as scenas mortas, refazendo gentes, vistas, costumes interessantes, usanças particulares, pondo em tudo certa nostalgia bem real, muito emotiva.

Era a missão do poeta. O poeta não decalca, não trasfolha, não cobre riscos; debuxa apenas os contornos, calca os traços de reforço, faz sombras, combina cores, que sejam transumptos de sua alma, pedaços de suas emoções.»

JOSÉ OTTICICA — *A Rua, 27* — VII — 1919.

* * *

«... o grande, o maior poeta deste paiz, o poeta-poeta, o poeta cujas composições, feitas em musica vivem de norte a sul cantadas por todas as bocas, despertando em todos os peitos as mais suaves emoções...»

MONTEIRO LOBATO — *Revista do Brasil* vol. IV 1918 p. 369.

Paris, 22 Junho 1919

Meu Poeta e Amigo :

«V. continua a afinar as suas cordas pelos motivos sentimentaes do Brasil brasileiro. Seu estro ganha alturas religiosas de um inspirado directo do Povo e da Terra. Seus poemas alimentam-se das raizes suculentas do sertão, florescem no espinhal do Soffrimento, do Trabalho e da Saudade em que vibra a vida dos nossos desdenhados roceiros.

Dizer-lhe, como ? da commoção que me causou a leitura de seu livro nas poeiras estivaes deste Paris atordoado e frenetico pela Victoria, pela Moda e pelo Tango ? Respirei a farta os bons cheiros da agrestia do mato natal ; rolei de cambulhada com os rudes pastores do Cariry ; sambei com a caboclada nos ranchos ; ponteiei as violas chorosus dos cabras ; suspirei, amei, vivi ao sol de minha terra, a centenas e centenas de leguas de quando a Patria beija o mar.

Tudo pelo prestigio do seu plectro, cuja espontaneidade e nacionalismo o impregnam de uma força simples e tocante.

A's suas justas vaidades de homem de poesia e coração não será de menos a confissão do exilado, enternecido pelo vigor dessas impressões, que V. faz despertar, encoivarando as redondilhas.

A «Terra Cahida» quanto ganhou de relevo e lyrismo no trespassse musical de suas rimas ! A's paginas desencantadas do «Inferno Verde» V. poz o sello de sua inspiração candida e fremente.»

Admirador. amigo, agradecido

ALBERTO RANGEL (Carta a Catullo Cearense)

* *

«Del popularissimo cantor y poeta Catullo, por quien V. me pregunta, me traje un gran recuerdo : él es la primera piedra para la formacion de una poesia propia del Brasil, poesia de caracter puramente nacional. Ese Catullo, que parece una simple voz del pueblo, no elevada á categoria literaria, me parece nada menos que el precursor de la poesia independiente de toda influencia francesa. el precursor del parnaso futuro, con exclusivos caracteres de raza. El me ha dado la vision y la emocion de la poesia brasileña.»

SALVADOR RUEDA.

(Trecho de uma carta que o maior poeta da Hespanha hodierna dirigiu a D. David Durau, Presidente da Associação Hespanhola, depois de ter ouvido Catullo Cearense em uma visita que lhe fez, em sua propria casa, no dia 12 de Outubro de 1914, em companhia do poeta Carlos Maul, do mesmo D. David Durau, do Dr. Paulo Silva Araujo e do Chimico Baptista Giolitto.

*
* *

« Je parlerai du Ménéstrel. Car nous en avons un, authentique. Il a nom Catullo Cearense. Tout le mond le connaît, mais ne l'a pas entendu qui veut. Dans sa maison de banlieue, où il cache sa muse et élève des oiseaux domestiques, il a reçu maint visiteur considérable, à qui il n'a pas manqué de promettre une audition. Mais la plupart du temps il ne tient pas ses promesses. Il les oublie. C'est-à-dire qu'il finit par les tenir d'une façon détournée. Et quand vous vous y attendez le moins, vous le voyez surgir devant vous qui vient vous dédommager, avec largesse. Car il est capricieux et fantasque, comme ce Gestas de l'*Etui de nacre*. Et, comme lui, il compose les plus douces chansons qui soient. Et quand le démon du chant le tient, il chante sans avoir promis. Feu mon ami Affonso Arinos, qui était très fort, avait réussi à dompter son humeur et à l'emmener dans des maisons amies. Et c'est précisément chez son frère, resté homme de goût dans la chose publique, que je viens de passer, par surprise, une soirée inoubliable, à entendre Catullo Cearense réciter et chanter, comme lui seul sait le faire, des vers que lui seul sait écrire.

Il est unique en son genre, et il nous a donné le frisson nouveau. En lui la poésie populaire a trouvé son poète, et le folklore un état civil. Avant, ce trésor poétique était anonyme et fragmentaire. Des quatrains, de courtes pièces, dont nul ne savait l'auteur. Voici des poèmes complets, une œuvre suivie et logique. Il nous apporte de vrais diamants, non pas deux ou trois, mais à la douzaine, et il en fait des colliers. Quand on aura imprimé son livre bientôt, ce sera un beau jour pour nos lettres.

La matière de ses poèmes est simple, vaste et riche. C'est en somme la vie profonde et naturelle, celle qui ne sait pas la civilisation, mais qui connaît encore les voix de la terre. Elle est l'amour, le regret, le rêve et le mouvement. Elle est la contemplation du monde, et contemporaine de tous les âges.

Celle que chante Catullo Cearense se passe dans le *sertão*, l'immense solitude pastorale qui est au nord-est du Brésil. Là sont les vachers et les *condottieri*, gens vêtus de cuir, vivant de peu de chose, dormant dans des chaumières propres, et courant tout le jour à cheval, chassant le bétail et parfois l'homme. Ils portent pour tout bagage une carabine et une guitare. Et ils pincant aussi bien l'une que l'autre. Leurs mœurs sont bibliques, dures et vertueuses. Quiconque voudra être des leurs devra être capable de tuer et de se faire tuer. Mais il est des choses qu'il se gardera bien de commettre, sous peine d'être assommé par les siens, à savoir, voler ou attenter à la pudeur. On vit en pleine chevalerie. Le respect de la propriété et de la femme est sacré. En géné-

ral, à moins d'entreprise politique, ils ne tuent que voleurs et séducteurs.

Leurs femmes sont belles et douces, et ont la peau dorée, comme en Orient. Elles portent, comme en Orient, des babouches mignonnes et des fleurs dans les cheveux. Elles se baignent dans les cascades, toutes nues, mais on ne les voit pas. On les nomme Aunita Bouche-de-Rose, Serafina Colibri. Le soir, les cavaliers s'arrêtent, demandent l'hospitalité et chantent. Ils chantent la chasse, l'amour, le clair de lune, les voix mystérieuses et divines de la forêt. Le lendemain ils repartent, laissant parfois leur cœur. Ils sont rustiques et simples, mais jamais miséreux. Ils ont peu de besoins, une fierté digne. Leur vie est un poème antique.

Voilà pour les thèmes. Les compositions qu'en a tirées le poète sont admirables. C'est de la vie fixée. Et c'est de la grande poésie. Elle a l'image, forte, profonde, cosmique. Le poète est en communion plénière avec les choses de la terre et de l'air. Son âme est au centre de la forêt comme, un écho sonore, telle l'âme de Victor Hugo au centre de tout, selon le vers célèbre.

Il vous dira l'histoire du *Bûcheron*, lequel «*abattait les arbres sans nul besoin*», par pure méchanceté, et ce malgré les avis de sa mère grand, lui enjoignant la pitié, *car les arbres ont un cœur*». Il est sur le point de mal finir, quand la grâce le touche et il se fait jardinier. Après avoir détruit, il élève les plantes. Il reste souvent éveillé la nuit, «*à écouter le rêve des fleurs*». Ce petit poème est parfait, aussi bien pour la forme que pour l'inspiration toute franciscaine. Un panthéisme exquis le remplit, qui va du tragique à l'idylle la plus tendre et la plus fraîche.

Il vous dira le *Vœu*, où il nous montre des amoureux qui avaient promis au petit saint Jean d'aller entendre la messe première dans son sanctuaire, s'il veut bien fléchir un père bourru. Ils cheminent ensemble et chastement jusq'au jour, avec un *petit vent mignon qui joue avec les feuilles et a l'air d'aller lui aussi voir le saint*», et ils arrivent en retard, pour s'être arrêtés trop souvent dans la nuit divine à regarder les feux de joie ou à écouter les chansons des hommes et la musique des ombres. Vous y apprendrez que «*toute guitare ayant été arbre, c'est pourquoi elle vous chante si bien ce que les oiseaux lui ont chanté*». Le chant est chose sacrée ; celui qui sait chanter exerce une sorte de sacerdoce. Voilà pourquoi un vacher, à qui on vole son bon cheval, se demande plein d'horreur comment son voleur pouvait voler, «*lui qui chantait bien*».

Vous saurez aussi que la danse est absolument sacrée. «*Notre vie est une danse, le cœur le grand danseur ; car devant notre naissance, et jusque à notre mort, le cœur ne fait que danser.*»

On sent toujours dans la poésie de Catullo Cearense cette

correspondance essentielle entre les rythmes profonds de la vie et l'art des hommes. Or, c'est la conscience spectaculaire et musicale de la beauté naturelle qui nous console, le reste n'étant que souffrance. Dans le poème de la *Terre qui tombe*, où il évoque en symbole les éboulements produits par le fleuve, et emportant maisons, bêtes et champs, il vous avertira philosophiquement que «*Dieu défait le lendemain ce que l'homme a fait la veille*» donnant un sens plus précis et plus dur à un vieux dicton. Mais surtout il y a les ravages de l'amour, l'illogisme de la femme. Celle-ci, dit le poète,—s'en vient dans la forêt vierge qu'est «*un cœur d'homme où n'a jamais pénétré le soleil de l'Amour*», abat les arbres, chasse les ombres ; puis elle plante un jardin, «*où il y a toutes les fleurs*». Et puis un jour, en une minute et d'un geste simple, sans raison et sans pitié, elle détruit tout cela, comme le fleuve la terre qui tombe. «*La seule fleur vivante, c'est le regret.*»

Partout dans ces poèmes on trouve des images naïves et fortes, de cette force exacte qui fait songer à l'*Iliade*. En disant comment, après deux jours de galop, il a vu dans le lointain le taureau fameux dont la capture vaudra au vainqueur la main de vierge disputée, le jeune vacher de s'exclamer : «*Ma joie fut telle la que si je n'avais fermé la bouche, mon cœur en serait tombé.*»

D'autres ont une sensualité éperdue et douce qui vous ramène à la Bible : «*Les deux brunes colombes qu'elle avait sous le corsage sentaient l'eau fraîche dans les désert.*» «*Sa bouche était une cage de sang où sanglotait l'oiseau de sa voix.*» «*La sueur brune de son corps avait le parfum de la terre chaude quand il commence à pleuvoir.*»

Il y a de la chevalerie héroïque dans le poème où le chasseur d'hommes nous dit avoir «*souffert plus que Jésus*» pour être resté couché toute la nuit à côté de sa bien-aimée sans y toucher le moins du monde. Pour ce il a dû placer entre eux deux une image de Notre Seigneur.

Mais il sait aussi être moderne et galant :

«*Ses yeux étaient comme l'abeille, ils avaient le miel et le dard.*»

«*Sa bouche n'était point petite, elle avait la grandeur d'un baiser.*»

Le style de ces poèmes est d'une précision et d'une sobriété peu communes dans notre littérature, encore entachée du verbalisme romantique. Ce chanteur de chansons est un grand poète, et aussi un artiste. Il possède son métier et domine son sujet. Dans la naïveté de l'inspiration, il a une façon aisée et sûre d'entrer en matière, un parler net, une grâce savante et spontanée à la fois, une familiarité jamais vulgaire, qui me font penser à l'incomparable La Fontaine.

Il sait jouer avec les mots et les images. Il transpose les vieilles idées. Au sortir d'une nuit merveilleuse il dira que le soleil est «*beau comme une lune de feu*» et que «*l'aurore ressemble*

à sa bien aimée», rendant par là une force plus humaine à ces rapprochements.

Son langage est le dialecte pastoral, c'est-à-dire la langue portugaise déformée par la prosodie locale, dans un sens musical et énergique (quelque chose comme le napolitain), et à laquelle s'ajoutent des mots indigènes, des expressions d'argot populaire, et aussi des formes classiques tombées en désuétude dans le parler ordinaire. C'est un fond très riche, dont le poète a tiré des effets exquis, imprévus et amusants.

Mais ce qui, à mon avis, vaut tout autant que la poésie de Catullo Cearense, c'est sa façon de l'interpréter.

Il ne dit point ses vers ni ne les déclame. Il les vit. La voix, le geste, le masque et les mouvements, tout à cette vérité, cette force spontanée et juste d'un art qui rejoint la vie. Il a l'air non-appris et il n'a rien à apprendre. Il est simple, naturel et exact comme un chant d'oiseau.

TRISTÃO DA CUNHA (*Mercur de France*. Paris, I de Maio 1919. *Lettres brésiliennes* p. 146-8.

INDICE

	PAGS,
A poesia de Catullo.....	V
A Catullo Cearense.....	XV
Em louvor de um poeta.....	XVII
Nota prévia.....	XIX
O Sonho.....	1
Alvorada do Sertão.....	4
João Branco na Capital.....	11
O Fazendeiro e o Roceiro.....	17
A Resposta de Géca Tatú.....	105
Braz Macacão.....	127
Assombrações.....	197
A Justiça do Crime.....	209
A Musica do Morto.....	221
Nota do editor.....	225

ERRATA

PAGS.

» 3—como se fosse uma visão	leia-se—como uma visão
» 21—dassa xêta	» —dessa xêta que eu uví
» 23—E' é	» —E'
» 23—Vamos	» —Vamo
» 39—pôde dizê	» —pôde dizê
» 58—Ficou óiando	» —Ficou me óiando
» 71—era irmão	» —era ermão
» 87—poz-se ri	» —pôz-se a ri
» 91—os mão	» —as mão
» 92—os troncos	» —os tronco
» 106—do inscriptô	» —dos inscriptô
» 108—só sabes	» —só sabe
» 124—Lézês	» —Lézes
» 129—cinca chaga	» —cinco chaga
» 133—bota nas braza	» —bóta nas bruza
» 150—imã da noiva	» —ernã da noiva
» 171—nesto mundo	» —neste mundo
» 175—te sintido	» —tê sintido
» 190—da caboca	» —das caboca
» 211—trabáio	» —trabáio
» 213—vae morre	» —vae morré
» 215—vassucês	» —vassuncês
» 222—dissêra	» —dissêra
» 224—itenerario	» —itinerario

EDIÇÕES DA LIVRARIA CASTILHO

Traducções de FERNÃO NEVES

Paulo Bourget. — LAZARINA. 1 vol...	3\$000
Paulo Bourget. — O SENTIMENTO DA MORTE. 1 vol.....	3\$000
Th. Dostoievsky. — RECORDAÇÕES DA CASA DOS MORTOS. 1 vol.....	3\$000
M. Delly — ESCRAVA ... OU RAINHA ? 1 vol.....	3\$000
M. Delly—ENTRE DUAS ALMAS. 1 vol.	3\$000
H. Ardel—A DOR DE AMAR. no prelo	

Dr. Fernando Nery — LIÇÕES DE DIREITO CRIMINAL. 1 vol.....	6\$000
R. Tagore — A LUA CRESCENTE. Traducção do Dr. Placido Barboça. 1 vol. 3ª edição no prelo.....	
Dr. Fernando Magalhães — LIÇÕES DE CLINICA OBSTETRICA. 1 vol. enc..	15\$000
Max Fleiuss e Basilio de Magalhães — QUADROS DE HISTORIA PATRIA. 2ª edição 1 vol. cart.....	2\$000
Basilio de Magalhães — A LYRICA DE STECCHETTI. 1 vol.....	3\$000
José-Maria Bello. — RUY BARBOSA. 1 vol.....	5\$000
Catullo da Paixão Cearense. — MEU SERTÃO 1 vol.....	3\$000

Catullo da Paixão Cearense — SERTÃO EM FLOR 1 vol.....	7,000
Xavier Marques. — A BOA MADRSTA 1 vol.....	2,400
Dr. Annibal Pereira.— UM NOVO TRA- TAMENTO DA BLENORRHAGIA DO HOMEM 1 vol. enc.....	7,000
A. Carneiro Leão.— PROBLEMAS DE EDU- CAÇÃO 1 vol.....	45000-
A. Carneiro Leão. O BRASIL E A EDUCA- ÇÃO POPULAR. 1 vol.....	45000-
Da Costa e Silva—PANDORA. 1 vol...	45000
P. Leonardo Mascello. — A ESTHETICA DO SILENCIO 1 vol.....	45000
Souza Bandeira. (J. C.) EVOCÇÕES E OUTROS ESCRIPTOS. (Com uma in- trodução de Mario de Alencar) no prelo.....	

Princeton University Library



32101 067180552

